

Águedo de Oliveira

D. CARLOS



ATIRADOR DE CAÇA

Edição  
Fundação "Os Nossos Livros"  
e  
Escola Superior Agrária de Bragança



Águedo de Oliveira

D. CARLOS  
ATIRADOR DE CAÇA

Introdução de Eduardo Carvalho

Edição

Fundação “Os Nossos Livros”  
e  
Escola Superior Agrária de Bragança  
1992

Título: D. Carlos Atirador de Caça

Autor: Águedo de Oliveira

Introdução de Eduardo Carvalho

Edição: Fundação “Os Nossos Livros” e Escola Superior Agrária de  
Bragança

Processamento informático de texto: Conceição Ferreira

Grafismo: Atilano Suarez

Montagem, impressão e acabamentos: Artegráfica Brigantina

Tiragem: 500 exemplares

Depósito legal nº 60 303/92

Distribuição: Escola Superior Agrária e Fundação “Os Nossos  
Livros”

## Índice

Introdução .....	I
Parte primeira	
Convergência do Caçador e do <i>Gentleman</i> .....	1
Fundo Residual nas concepções evolutivas .....	2
Caçador – o homem alertado .....	5
Duas grandes espingardas rivais – Dom Carlos e o Conde de Clary .....	14
Bons companheiros e amigos – O Príncipe do Mónaco e o Rei .....	17
Dom Carlos e Eduardo VII .....	19
Diplomacia .....	21
A evolução da armaria e da balística .....	23
Vestuário de caçador .....	29
Parte segunda	
Técnicas das batidas. Famosas caçadas reais no estrangeiro .....	33
Notícia de caçadas reais .....	36
Montarias e caçadas no país .....	38
A batida de 8 de Dezembro de 1905 na Abadia dos Vaux de Cernay .....	46
Parte terceira	
Na linha ancestral .....	54
O real divertimento .....	55
O caçador Simão .....	58

A tese de Fialho de Almeida .....	64
Atitudes e interpretações .....	66
Partidas de caça em Vila Viçosa .....	70
Parte quarta	
Introdução .....	75
Sociologia da caça .....	75
Bibliografia genérica .....	79



## Introdução

Vão passados quase três lustros após a leitura pública do testamento do Doutor Artur Águedo de Oliveira sem que os preceitos nele consignados tenham encontrado resposta que dê satisfação possível às últimas vontades do generoso espírito que presidiu à sua redacção a favor dos transmontanos do distrito de Bragança, sediando na cidade deste nome a Fundação OS NOSSOS LIVROS e em Macedo de Cavaleiros o que deveria ser o Infantário “Dona Júlia Águedo de Oliveira”, preito filial em memória de sua Mãe.

Não é de estranhar que depois de morto se faça letra morta daquilo que representa a vontade expressa num testamento cerrado como este a que nos referimos. E assim também não é de estranhar que se registem faltas no cumprimento das últimas intenções testamentadas pelo Doutor Artur Águedo de Oliveira, porquanto mesmo em vida, teve certamente o desgosto de ver que adutores de tempos idos lhe negavam colaboração para a publicação de um livro, como se consegue perceber através da seguinte troca de correspondência:

*Exmo. Senhor Doutor Águedo de Oliveira*  
28/07/72

Armando Nobre de Gusmão

*Veio para lhe entregar o manuscrito, mas como não estava, agradecia me comunicasse o dia e a hora em que estaria aqui.*

*Os melhores cumprimentos.*

Em 30 do mesmo mês e ano o Doutor Águedo de Oliveira escreve a seguinte carta, que explica o cartão anterior:

*Ao Senhor  
Presidente da Junta Distrital de  
Évora*

*Exmo. Sr. Presidente:*

*Tendo sabido das demoras dos trabalhos editoriais e das suas perspectivas, por várias vezes me dirigi ao Sr. Dr. Armando de Gusmão a fim de reaver o meu manuscrito sobre "D. Carlos, atirador de caça" e a fim de tentar essa publicação no meu distrito directamente e em férias.*

*Houve naturais dificuldades de comunicações e desencontros, mas ontem logrei, realmente, tê-lo comigo.*

*Desejava dar conhecimento do episódio – no qual é premente a minha avançada idade – e confirmar a minha gratidão tanto a V. Ex.<sup>ª</sup> como ao seu antecessor.*

*Sou com a mais distinta consideração*

*Att.<sup>º</sup> e Ven.<sup>º</sup>*

*a) A. Águedo de Oliveira*

Estes dois documentos me levaram a procurar reunir as peças que constituem o manuscrito de "*D. Carlos, atirador de caça*", que se destinava a ser publicado no boletim "*Amigos de Bragança*", que por esse tempo começou a publicar-lhe vários ensaios sob a designação geral de "*Estudos Bragançanos*", além do texto da sua conferência no Museu Abade de Baçal sobre "*A Ciência do Estado e a Arte de Governar os Povos em "Os Lusitadas"*", proferida no 4.<sup>º</sup> centenário da publicação da Epopeia dos Descobrimentos.

Reunidas as quatro partes em que o Autor dividiu o seu trabalho, é possível dizer que é obra de interesse venatório pela curiosa informação dada sobre exercícios de caça ao longo dos séculos, quase desde a fundação da nacionalidade, realçando a actividade dos reis caçadores como D. Afonso IV, como D. João I

que escreveu o “*Livro da Montaria*”, como os reis da dinastia de Bragança, culminando em D. Carlos I, qualificado atirador entre atiradores nacionais e estrangeiros, destes citando Eduardo VII da Inglaterra, Afonso XIII de Espanha, Guilherme II da Alemanha, Émile Loubet presidente da República Francesa, e muitas outras figuras da nobreza dos vários países que visitou, personagens que a Portugal vieram retribuir a visita do Rei português, havendo caçadas, batidas, montarias em honra dos régios ou presidenciais convidados.

\*\*\*

Num poema encontrado entre papéis deixados anonimamente, sem pista que permita atribuir-lhe autor, poema que tem por título *MONTARIA* e que entre outros, tem por personagens caçadores ministeriais de então, há uma referência a Águedo de Oliveira nos seguintes versos:

“Em nome da inteligência e da intelectualidade  
Alguém que estava naquela herdade  
Quis pôr fim a tanta asneira.  
Tratava-se do Dr. Águedo de Oliveira,  
Que proclamou, mudando o rifão:  
– Para cá e para lá do Marão  
Mandam os que para lá dele nasceram –  
Senhores, nunca após meus olhos viram  
Tamanha carnificina e mortandade.  
Feita com tal delicadeza e suavidade  
Como se catrapiscasse umas meninas tontas  
Ou despachasse no tribunal de Contas.

Claro que o autor de “*D. Carlos, atirador de caça*” era também caçador com notada presença em batidas por coutos de Alentejo, de Espanha (Huelva), de França (Champlivault), etc. Como caçador,

elaborou um projecto de “*Lei da caça e repovoamento cinegético*”, publicado no nº 10 das Actas da Câmara Corporativa, IX Legislatura, em 3 de Janeiro 1966.



*Aguedo de Oliveira, caçador.*

No episódio documental de Águedo de Oliveira encontram-se vários cartões agradecendo oferta de vinhos categorizados ou

trasmontanas alheiras e salpicões, e num desses cartões pode ler-se:

*Muito grato pelo faisão. Faz muito bem continuar a caçar. Como vai essa*

Doutor António de Oliveira Salazar  
Presidente do Conselho de Ministros

*saúde? Com respeitosos cumprimentos*

27/11...

\*\*\*

“*D. Carlos, atirador de caça*” poderá ser uma obra polémica nos nossos tempos, como o foi há um século a personagem do Rei que, mau grado qualidades evidentes, foi ridicularizado, insultado por artistas como Bordalo Pinheiro, poetas como Guerra Junqueiro, tribunos como António José de Almeida, inflamados de ideias republicanas, exaltados pela violência do Ultimatum Inglês que ofendeu e feriu profundamente o patriotismo dos vários sectores políticos, abrindo caminho à Revolução de 31 de Janeiro de 1891.

A tragédia que em 2 de Fevereiro de 1908 vitimou o Rei e o Herdeiro do Trono no Terreiro do Paço, vindos de Vila Viçosa, em cuja tapada costumava praticar os seus brilhantes dotes de atirador, pôs nas mãos do Infante D. Manuel o peso inesperado das responsabilidades do Estado e do Regime, que acabaram sendo substituídos pelo Regime Republicano na madrugada de 5 de Outubro de 1910, o que impediu o jovem Rei de vir conhecer a

cidade e a terra de que a sua Casa usa o nome: A Casa de Bragança.

\*\*\*

Julgamos ter cumprido o desejo do Doutor Águedo de Oliveira passados que vão 20 anos da recuperação do manuscrito de “*D. Carlos...*” pelo autor, o benemérito criador da Fundação OS NOSSOS LIVROS que continua a esperar lugar condigno para a sua sede.

A Fundação OS NOSSOS LIVROS sente-se na obrigação de render justos agradecimentos à Comissão Instaladora da Escola Superior Agrária pela preciosa colaboração que conduziu à publicação deste trabalho de investigação sobre a caça, deste ensaio biográfico e bibliográfico que trata de crises nos finais do século XIX e começos do XX, crises sobre temas que no final deste século continuam a fazer-se sentir.

Junho, 1992

Eduardo Carvalho

## *parte primeira*



### Convergência do caçador e do *gentleman*

O gosto pelas actividades cinegéticas espalhou-se e invadiu as populações. O camponês que saía aos domingos depois da missa para distrair-se umas horas à caça, quebrar o ritmo monótono da sua vida, foi anotado e destacado na literatura e pressionou os autores dos códigos e das leis.

Depois do romantismo, do Segundo Império, durante o longo período vitoriano, o tipo predominante das crónicas cinegéticas não era bem esse.

Ascendeu aos escalões superiores o tipo social do *gentleman*, associado ao do caçador.

Quando a literatura francesa nos referia o Marquês de Foudras procedia à conjugação das duas imagens – a do verdadeiro *gentleman* com o caçador perfeito. Ambos associados.

O homem distinto, de maneiras polidas, de alta sociabilidade, desportista por gosto e até por paixão, elegante e desafectado cujo convívio sabia tornar-se estimável, tornara-se um padrão social. Devia saber disparar uns tiros, abater umas peças, conhecer em detalhe a especialidade e os seus grandes capítulos – para começar.

Devia ser impassível nos falhanços e desaires, calmo nos sucessos, ausente de preocupações de número, atirando bem mas com despreendimento e afectando, pelo menos, desinteresse mas atento aos

outros; distinto sempre. Nem sofreguidão no tiro nem cobiça nos resultados.

Existe entre nós, porém, certa curiosidade estatística e pergunta-se mesmo quantos falhou e até o que veio a cobrar.

Fiquei surpreendido com elegantes batidas em França, onde as senhoras eram em número igual aos homens – e isso explica não haver catalogação nem discussões competitivas de grandes e consagrados atiradores que recusavam mesmo dizer das suas proezas, fechando-se em – “não contei”, “ignoro”, “não sei se deitei abaixo”... Portanto nas caçadas mais representativas, em Windsor, Sandringham, Rambouillet, na Sologne, nos Alpes Bávaros não eram só as majestades, os diplomatas, os políticos, os nomes armoriados que buscavam o *élan vital*, a expansão da vida, nas horas de prazer cinegético. Todos quantos se serviam da espingarda, seguiam tais praxes. Assim se manifestava essa coincidência de dois tipos sociais elevados como exemplo a seguir e prática generalizada, em que a vaga saudável do desporto levava a casar a distinção com a perícia e a calma ao coleccionar os troféus obtidos.

Caçador atento mas desprendido, lutador persistente mas com simpatismo social, eis o padrão assinalado nos altos e baixos, desses tempos, onde a delicadeza e o refinamento culminavam numa forma de viver tão delicada como saudosa. Neste livro se falará dalgumas primeiras figuras mas deverá acrescentar-se ainda que eles elevaram estas formas superiores a níveis inimitáveis – tornaram-se *grandes artistas* na especialidade do tiro e na prática da caça; senhores de proezas memoráveis, em tanto dignos da história ou da crónica.

## Fundo residual nas concepções evolutivas

A caça foi sempre um prazer saudável. Constituiu mesmo uma prerrogativa na sociedade hierárquica.

Chegou no tempo de D. Fernando I a um serviço montado e estruturado. E durante a maior parte da história, os reis e grandes senhores caçavam com munificência espectacular.

Só depois, na época romântica, a rainha dos desportos se popularizou e profissionalizou. Mas sempre nobres e comuns caçaram dentro e fora da lei, com privilégio ou sem ele por não poderem resistir à sua atracção.

D. Afonso o Sábio<sup>1)</sup> louvava tal exercício como recreação e desintoxicação mental que permitia lançar pela janela preocupações e cuidados

Escrevia ele:

“Para não cuidar, sofrer abates de maneira perturbante, Reis e grandes senhores procuram obter folgança na caça e descontração no entendimento”.

Fernão Lopes emprega uma só palavra rica de conteúdo: o *desenfadamento* de caçar.

D. João I compilou e redigiu o *Livro da Monteria*, com apreciável lustre literário e minúcia técnica, publicado pela Academia das Ciências e desenvolvimentos preliminares de Esteves Pereira, renovando tais conceitos.

A caça consistia principalmente no jogo de andar a monte aos ursos e porcos monteses. Um desporto pois?

Jogos vinham a ser o xadrez, o taboleiro, a péla, as danças e música, os saltos e corridas, o arremesso de lanças, o exercício de facha e espada, a entrada em festas e torneios.

Estes jogos tradicionais começavam então a chamar-se “marchas”.

Mas, logo no primeiro capítulo, se proclama que a montaria é de todos o melhor jogo.

Distinguia-se esta da falcoaria, da altanaria e da cetraria.

A bondade da primeira, porém, passava a todos os demais jogos.

Recreava o entender, preparava e exercitava as armas, dava folgança, fazia bons cavaleiros, melhorava o físico e mantinha o treino militar.

Portanto, entre outras virtudes, recreava, libertava de preocupações obsessivas, corrigia a prática das armas, assegurando o treino das armas. Já o Chanceler Lopes de Ayala havia dissertado<sup>2)</sup> sobre as aves de caça, com seus subgéneros abrangendo – falcoaria, altanaria e cetraria.

Começava, na forma costumada:

“Exercício de homens, ... libertando de ócio e pensamentos, ... podendo obter prazer e recreio sem pecado entre os seus aborrecimentos e cuidados”... O doutor André Resende refere na *Vida*

---

1) cf. Livro da Monteria

2) Livro de la caza de las Aves, Madrid 1879.

do Infante Dom Duarte, “Que ele era grande caçador e monteiro, a ponto que dormia ao sereno, vestido, para caçar um porco montês ou veado.”

E proclamava – que era necessário os novos habituarem-se ao cansaço, vigília, calma, frio, e ao labor do exercício da caça, imagem da vida militar, quase sombra da guerra, em tempo de paz.

Portanto exercício físico tonificante, evasão de cuidados, preparação e adestramento militar, conservação de robustez e saúde, a despeito dos esforços dispendidos.

Duarte Fernandes Ferreira escreveu e editou o seu tratado, aí por 1614: – *Arte da caça de Altanería*<sup>3)</sup>. Ferreira era especialista, peritíssimo na ciência e arte da caça.

Observara e anotara quando era novo, amontoara ensinamentos mas só ordenara e escrevera na idade provecta.

Não tinham segredos para ele a criação, adestramento, os vôos, as doenças e remédios dos açores, falcões, gaviões e esmerilhões. Era, no seu entender, caçar dessa forma – passatempo, exercícios, robustez e isenção de cuidados, personalizando e levantando o espírito.

No tempo de D. João V chamava-se à diversão cinegética, como veremos, “o real divertimento” o que significava também primazias sobre os demais.

No tempo de Dom Carlos, importados lá de fora, começaram a entrar os desportos, os populares como o ciclismo e o *foot-ball* e os ultra-dispendiosos como o *yachting* e as equipagens de corrida às raposas.

Eça afirma o passeio das multidões e as dificuldades que havia em tomar a sério os exercícios físicos, concebidos no geral como palhaçadas e acrobacia. O exercício *au grand air*, a perseguição da caça na terra brava e nos matos conservava porém as suas proeminências e virtudes e não sofria tais discussões.

A rainha dos desportos conservava ascendência e adquiria novos fiéis com a difusão das armas de caça e as permissões do direito romanista consignado no “Código” Seabra.

Mas falharam as tentativas de canís modelares, suspendeu a própria revista da especialidade, não entraram as corridas à lebre mecânica (Parque Lucas Castelo), os *field trials*, as tentativas de

---

3) Vide 2ª edição, Lisboa, 1899.

*coursing* e a criação especial para repovoamento, que eram já lugares comuns nessa Europa do princípio do século.

A caça popularizava, mas dificilmente suportava, a expansão do número de caçadores.

Ensaaios, alvitre, propostas quiseram transformá-la numa actividade de clubs e grupos, deram-lhe por autoridade comissões e favoreceram as legiões cidadinas talando e devastando os campos.

Permitia-se a luta desregrada, o jogo sem regras, a devastação e até extermínio em nome dum direito individualista e de ideias igualitárias que sacrificavam o futuro ao presente.

Então no crescimento das actividades venatórias também surdiram especulações rendosas e o popular orçou pelo desregramento.

No fraco espírito com que se enfrentaram os problemas só limitadamente em técnica e áreas alguma coisa veio a ser resguardado, recomposto, ou elevado a empreendimento rentável – mas já distante do reinado.

## Caçador – o homem alertado

Prefaciando um belo livro do conde de Yebes<sup>4)</sup> sobre caça grossa, o filósofo Ortega y Gasset, que tanto vimos pelo Chiado e pelas livrarias, considerou o caçador como – o homem alertado.

Yebes insistira que o caçador devia possuir um sentido especial de ver, rever, tornar a ver ainda.

Devia mesmo olhar sempre.

Não era esse um olhar qualquer.

Mas um olhar por desconfiança, por antecipação, por intuição daquilo que se vai passar e da obtenção de resultados.

Caçadores e cães – ouvem-se latidos, escrevia Ortega – estão irmanados na selva integral e no mesmo alerta<sup>4)</sup>.

Daqui se inferia que havia distracção, em vez de divertimento e em vez de vício.

---

4) Vide Conde de Yebes, "Veinte años de caza mayor", prólogo de Ortega y Gasset—Madrid, 3ª edição.

Também se encontrava um pouco de primitivismo mas sem abandono da civilização.

Havia evasão, em vez de vida cercada.

E ainda – naturalidade e espontaneidade da vida venatória sem deformação reprovável.

A ideia duma democracia venatória, embora consagrada parece acanhada sob as claridades dos céus portugueses<sup>5)</sup>.

Vários caçadores falam em seita – melhor seria irmandade – em que tomam parte atiradores, ajudantes, acessórios, e os fiéis animais que nos acompanham. Soldam-se amizades de repente. Constroem-se ligações duráveis que repetem na época.

Aperfeiçoam-se solidariedades que a actividade cinegética, mesmo o vício, autorizaram à entrada.

Assinalam-se simpatias sólidas entre confrades.

E, como adiante veremos, os exercícios do tiro de caça podem corresponder às actividades e talentos subtis da diplomacia e por estranho que pareça os encontros favoráveis ao mister complexo dos homens de Estado.

### Atirador virtuose, caçador infalível, naturalista apaixonado

Desde muito novo que Dom Carlos se afirmou com exuberância:

1º – Um atirador virtuose;

2º – Um caçador infalível;

3º – Um naturalista apaixonado.

Vamos referir-nos a estas três relevantes facetas da sua elevada personalidade.

#### 1º) Virtuoso de tiro

Dispunha o Rei de faculdades de excepção que o qualificavam com excepção entre os seus pares, ao manejar qualquer espécie de arma.

Todos os testemunhos concordam.

Autodomínio completo, calmo até à impassibilidade, rápido e fulgurante antes da percepção de outrem, mestria perfeita tanto no

---

5) Vide Actas da Câmara Corporativa, relatório à proposta de Lei da Caça e Repovoamento, de 3 de Janeiro de 1966.

tiro de chumbo como à bala ou com zagalotes, culminando no aproveitamento e na eficiência. Obtinha assim resultado nos lances mais arriscados ou depois de fulminante raciocínio e disparo.

Assim o viram nas Tapadas Reais, nas partidas de caça, nos *Stands*, em Rambouillet, em Sandringham, em Vaux de Cerny e tantas outras portas de batida, nas pranchas, nas esperas. E o mesmo acontecia quando quase solitário, acompanhado dum guarda florestal, deambulava aos coelhos.

Sempre igualmente virtuose.

No seu tempo foi muito debatida a teoria e a prática do tiro, na literatura da especialidade.

Já se vê que não havia – como agora não há – um código rígido de princípios nem umas tantas regras pragmáticas mas sim número infindável de recomendações e de casos típicos, averiguava-se e induzia-se, do lado do atirador, na sua adequação ao terreno, ao género, aos problemas postos pelo objectivo móvel. Estudavam-se as condições de ultra-rapidez, a exactidão, a prontidão para corrigir, abater e chegar a resultados frutuozos.

Enumeravam-se as virtudes fundamentais, como num tratado ético, necessárias ao grande atirador e os condicionamentos de autodomínio e de vizinhança para lograr com limpeza e cobrar facilmente.

Havia regras?

Mas estava ou não o virtuose acima delas?

Resumo o que corria nesta época distante por serem as especulações de mais rigor e porque os preceitos actualmente vigentes não se afastam do padrão estabelecido.

E era este:

- a) Sangue-frio contrário às emoções, impressionismos, obstáculo à precipitação emotiva. Ou seja, calma na apreciação e no despacho dos tiros.
- b) Rapidez de manejo que correspondia à prontidão, não isenta de pensamento rápido e sem velocidade excessiva.
- c) Apreciação fulgurante da distância, da velocidade do vôo ou da corrida; intuição para abater em vez de ferir, para responder às exigências da dinâmica e corrigir por fim, pelo cálculo, o cruzamento do objecto com a carga expelida.

- d) Pressão do gatilho, no momento optimal – isto é, nem cedo em demasia, nem atrazo que culminem em fora de tempo e desencontro.

Estas as exigências correntes.

Mas em sentido paralelo, e com superior tecnicidade, Charles Lancaster, armador londrino famoso, dispondo duma experiência plural e dum campo de prática nos arrabaldes londrinos, o mais aperfeiçoado possível no seu tempo enumerava quatro condições, numa obra insuperável <sup>6)</sup>:

- 1º) A primeira apreciação é a da velocidade a que se movimenta o alvo;
- 2º) Devem considerar-se, em seguida, os ângulos apresentados;
- 3º) Tem de dispor-se ainda do sentido de disparar no momento preciso;
- 4º) Deve-se estar sempre bem fincado na terra.

Lancaster acrescentava as normas especiais competentes para desenvolver aquelas operações.

Assim referia o tiro ultrarápido, o *snapshot* da narceja, o da galinhola, e dos coelhos dissimulados ou cobertos, ou seja, o tiro disparado rápido e a segurar, quase instantâneo, que os melhores não podiam mesmo garantir. Dava normas para o tiro com duas espingardas e regras para se evitarem erros e demoras, no auxílio dum carregador atrás e à direita nas batidas, juntamos estas análises de duas ordens, que em seu modo se completam e teremos, em toda a latitude e técnica, a presteza, alta qualidade e eficiência do *atirador real* – mas, para além disto, ele parecia mais o *virtuosismo* próprio das grandes e únicas excepções.

Dom Carlos além do mais, atirava muito bem com todas as armas – pombeiras, pateiras, armas leves de caça de menor calibre; a carabina, como arma de guerra, manejando o revólver e a pistola, ou qualquer arma que lhe facultassem mas que examinava cuidadosamente, experimentando-a para corrigir as tendências e rectificar ainda.

---

6) Vide Charles Lancaster. *The art of shooting*. Londres 1924, obra ornada de esplêndidas gravuras.

Dava na *mouche*. Fazia tiros certos – sempre brilhantes – dispunha de incrível golpe de vista, porém, como se disse, procedia com cálculo, serenidade e rigor.

Chofrava (era rápido) mas sabia esperar.

Atirava aos pombos e aos pratos curvado para a frente, tendido como o *shooter* que não deixa escapar nada, esperando a saída das caixas, o levante das perdizes rubras no esteval, o relampejar do coelho, no mato espesso ou sujo.

Não iniciava a tarefa cinagética sem explorar, como já se disse, as particularidades da arma, do campo de caça e a luz esparzida, a vizinhança das esperas e os canais teóricos, donde viriam os alvos móveis. Tinha uma atitude racional, equilibrada conjugada à harmonia de movimentos.

O busto ligeiramente curvado, não como se pensará para amortecer o recuo, mas para obter mais rapidez e segurança, a perna direita atrasada e para esse lado.

A sua presteza de tiro, a certeza antecipada, a intuição rebrilhante permitiam-lhe lograr, onde quase todos falhariam, mas não arriscava os tiros mais que problemáticos que ferem e não contam no balanço final. Fazia porém tiros espantosos e inesperados, de chofre, longínquos, na verticalidade, (*coq au roi*); ao resvés, parecendo ver já quando os outros nem divisavam sequer. Via pois antes e analisava de pronto. Portanto, além dos tiros espantosos, era um *virtuose* de tiros certos e artísticos – muito mais que fulgurante mestre, no manejo e prática das armas.

Algumas das suas proezas de atirador ainda me foram contadas por companheiros e áulicos que tanto o admiravam. – Em Vila Viçosa, e no Vidigal, um couteiro, atrás dum muro, jogava muito alto batatas, frutos e até ovos.

Começava por desfazê-los primeiro a chumbo, uns e outros.

Depois, pegava numa pequena carabina e espatifava-os à bala. No *Stand* da Ajuda fusilava pombos e pratos sem dar tempo de que os estrangeiros, embasbacados tanto uns como outros vissem, e, depois, com uma arma de bala abatia alguns pombos rápidos e fugitivos.

Chegava a pôr 9 tiros de carabina seguidos no alvo, desde os 10 aos 250 metros.

No Vidigal – ainda há poucos anos se encontravam testemunhas seguras – deitava-se ao comprido voltado para cima e

abatia os tordos, andorinhões, zilros, zorzais e estorninhos que passavam na altura em vôos sinuosos e rapidíssimos, zig-zagueando.

Foi na mesma herdade – favorita dos Braganças desde D. João V, por se prestar à ganaderia e à maioria das culturas – que se verificou o episódio famoso: – Victorino Frois, no seu Alter Real, foi desmontado por um Saltillo ou talvez por um Verágua, muito mal intencionado. Estava em perigo manifesto.

O tempo dum relâmpago para D. Carlos ir ao monte buscar uma clavina e abater a fera com um tiro certo. E como?

Começara – reza a crónica – com os pequenos calibres de 24 e de 28, estabilizara depois nos 16 e acabara como todos nos 12. Mas recorria ainda às *canardières* de 8 para suplantar os próprios resultados.

Os canos cilíndricos, por essas alturas, cederam o lugar ao *full choke* e, por fim, ao *extra full choke* cuja carga embalada se aproximava duma carga balística. O tiro tornava-se difícilimo e os êxitos esfacelavam as peças. Péssima culinária!

Para efectividade e rapidez D. Carlos adotara a nova técnica dos olhos abertos que melhorando a visão acrescentavam presteza se possível ainda, elevando as faculdades já famosas do caçador real.

## 2ª) Caçador infalível

Atirador brilhante completava-se como caçador entendido e apaixonado. “Grande caçador diante do Eterno” – como rezam as Escrituras.

Escrevia-se assim, no seu tempo:

“o primeiro caçador português”

“caçador de raça”

Apesar da sua figura engrossada, do peso – enérgico porém – mostrava-se infatigável nos terrenos, na procura do *gibier* ou nos percursos a que obrigam também as batidas. Aguentava a cefaleia, os ruídos dos disparos, o recuo das armas. Não receava as cargas fortes.

Em Vaux de Cerny, por Dezembro de 1905, num dia apenas, queimou cerca de 1500 cartuchos e cobrou acima de 1000 peças.

Para ele, para Rothschild, para o Conde de Clary houve que aguentar o calibre 12 até final. Mas os demais foram forçados a recorrer aos calibres pequenos.

Não tinham conta as raposas, lobos e javalis, abatida cada uma destas peças com um único tiro – em várias *performances* espantosas. Via-se que o impacientava as morosidades nas esperas da

batida e não puxar pelo seu cigarrinho. Mas respeitava escrupulosamente a regra.

Acabada esta, então acendia cigarros, charutos, fumava com ardor e sem parar, satisfazendo um desejo recalcado.

O armeiro de Paris, Pierlet que fazia de seu carregador, de mochileiro, mostrava sempre os cartuchos usados por corresponderem ao número de peças e atestarem assim que raramente errava a real espingarda.

Nesse tempo, um escritor inglês, muito vulgarizado em França<sup>7)</sup>, pintava o que devia entender-se por *caçador infalível*.

Era o que o público considerava como não errando nunca.

No momento em que o cartucho se queimava a peça caía.

Mas os ingleses sustentavam que nem sempre se era feliz em matar.

Havia tiros "duvidosos", tiros "difíceis", tiros "a longa distância", nos quais se tornava impossível acertar sempre.

Naqueles três casos não era indispensável obter resultados<sup>8)</sup>.

---

7) cf. Marksman, *Le chasseur infallible*, Paris.

8) Em 1900, escrevia um anónimo: (cf. *Caça*, Lisboa pág.73 e seguintes).

Referindo-se ao Rei que possuía dotes que o tornavam na caça o primeiro, acrescentava: "Sem lisonja nem favor, podíamos proclamá-lo Rei dos caçadores, jurando-o sobre as espingardas.

"É dextro sem igual na presteza do tiro – quer a chumbo quer à bala – à caça parada ou em movimento ou à saltada prevista ou inesperada. Sereno, firme, e demorado ou rápido, conforme é preciso, tem sentimento exacto e julgamento pronto no puxar do gatilho.

"Que mais querem no tiro? Estilo? tem-no correcto, simples, natural, ou sem esforço aparente: a arte, enfim. Possui a paixão que o vigor do corpo habilita a exercer sem custo.

Nem lhe falta a fantasia, atributo essencial do caçador, a trasbordar às vezes em palavras mal compreendidas dos profanos.

A abundante caça dos seus parques; o que busca, livre, fora; os apurados cães – que poderia ter – o muito que tem visto e sabe em tudo que prende à caça; são outros tantos elementos a tornarem-lhe merecido esse lugar. Só partidários da igualdade em tudo, a nivelar todos na mediocridade, poderão repudiá-lo chefe.

(continua na página seguinte)

A infalibilidade coroava, porém, o virtuosismo do tiro real, raramente falhando.

Como o viram?

Assim. Segurava, forte e destramente, a *purdey* ou a *greener*, derrubado um pouco o chapéu para a frente e os tiros partiam fulminantes.

Proezas memoráveis:

Em Arronches, um javali, acossado por um cão de recova sai direito à espera real. O Rei aguarda-o atento e sereno, e ao lobrigá-lo voltar, despacha-lhe uma bala pelo quarto direito ao coração. Fazia tiros duplos, incríveis.

A cavalo e de clavina fulminava lobos, tanto nas batidas alentejanas como espanholas.

À bala ainda, e de longe, alcançava águias reais, chofrando, no meio dos tiros despachados às perdizes e às lebres.

Ensinando o Príncipe Real, sozinho com dois guardas, aos coelhos ou em esperas ou nas portas da caça grossa, e até marchando em busca ardorosa, era igual a si próprio – quaisquer que fossem as condições do campo de tiro e as dificuldades a vencer.

Segundo as crônicas contavam-se por muitos lobos, javalis, raposas abatidas com um só tiro.

Pouco tempo antes da sua morte, esteve nos *Stands* do *Bois de Boulogne* e no de *Gastine Rennete*.

Bateu-se então vitoriosamente com os mais qualificados atiradores de França – Paul Manoury, o Conde de Clary, presidente do clube de Santo Huberto de França e outros.

Triunfou a seguir à pistola.

Triunfou depois com um revólver.

Escrevia Monsieur Dumont, director da *Revista de Tiro aos Pombos*:

“O real *shooter* mantém forma excelente, estilo superior, com uma tranquilidade, segurança e precisão notáveis, elevada perícia que parecerão inacreditáveis e que podem ser tomadas como lisonjas para quem o não viu”.

---

(continuação)

E bom rei na caça deve-o ser igualmente no mais.

As caçadas são além disso descanso de outras lutas e retemperam a serenidade. Esvaiem-se no fumo dos tiros desgostos e zangas porventura mais resistentes” .

“S.M. atira de alto com o corpo inclinado para a frente;o tiro é rápido, brilhante e seguro; a maior parte dos pombos é morta ao primeiro tiro;e, não obstante isto, fez-se admirar em alguns dos segundos tiros, especialmente no sétimo pombo, da terceira *poule*”.<sup>9)</sup>

Foi assim mesmo.

Portanto a qualidade dos seus tiros encontrava-se na certeza artística, na presteza, no disparo em condições optimais.

Corrigia-se e procurava não estropiar os animais.

Tudo fulgurante, sim, mas coordenado e preciso no ponto de intersecção da equação da distância e da velocidade.<sup>10)</sup>

Era um dom excepcional, o seu.

### 3º) Naturalista apaixonado

Acima do atirador e do caçador, em outro nível, estava o cientista apaixonado pela investigação, com sua predilecção analítica, na própria natureza, culminando no estudioso de gabinete.

Tomava notas, fazia observações repetidas, escrevia, publicava dados e reflexões, mantinha contacto com os lentes da Politécnica, colleccionava e manuseava os autores da especialidade e avançava assim no terreno propício ao progresso dos conhecimentos científicos.

No referver das complicações, dos lances políticos e das distorções e maldades se a caça era uma evasão, a ciência pura mais que uma ocupação funcionava como autêntico refúgio. Depois o artista, o aguarelista insuperável, o impressionista ilustrando vivamente completavam a inclinação natural de conhecer em termos de ciência.

---

9) Vide Revista "A Caça".

10) A seguinte geração apresentou alguns atiradores famosos, mestres de tiro em batidas que merecem destaque.

Citemos por ordem:

– Luis Infante da Câmara.

– Guilherme Gião.

– Nuno Infante da Câmara.

– António Calça e Pina.

– Bernardino Câmara Mira.

– Luis Felix.

– Albano Pinto Bastos.

– António Padeira.

– Mário Vinhas.

– Rui Marchante.

Destes posso dar testemunho mas devo não esquecer dois grandes atiradores á bala do Além Mar – Abel Pratas e Teodosio Cabral, que muito me distinguiram.

Fruto desta digressão cuidada e atenta dos estudos e análises, estão a alertá-lo dois trabalhos, primorosamente iluminados que são hoje preciosíssimas espécies, edições raras e que obtêm preços inverosímeis, mas merecidamente:

- *Ornitologia de Portugal, 1887* refundido depois, e
- *Catálogo das aves de Portugal, 1890*

As aguarelas revelam os cuidados realistas dum Dürer e o brilhantismo de cor do nosso Malhoa – revelam mais, a ternura do grande português pelas nossas coisas. Pássaros humildes vivem e palpitam nas páginas ilustradas, enquadradas sempre nas nossas paisagens, vizinhas das casas modestas mas típicas, no deslumbramento alacre da luz do sul. À ciência acorria o pincel famoso do artista que parecia adorar a vida bem vivida e captar o belo numa das mais puras facetas.

### Duas grandes espingardas rivais – Dom Carlos e o Conde de Clary

*“Les grands fusils étaient internationaux.”*

A primeira espingarda de França, no longínquo tempo do nosso penúltimo reinado, era o Conde de Clary. Presidente do “Saint Hubert Club”, figura de notável elegância e aceitação, atirador emérito, ali insuplantável. Sucedeu-lhe, ao que creio, o Conde Jean de Beaumont, na ascendência do tiro e na distinção de desportistas insuperáveis.

O Conde de Clary tinha, por si, a experiência dos mais elevados actos oficiais, sabia organizar e dirigir as batidas, era indispensável nas grandes ocasiões. Rivalizava, no virtuosismo do tiro e na prática venatória com Dom Carlos e o duelo longamente travado nem sempre parecia de resultados certos.

Havia outros nomes de grande brilho na aristocracia britânica, e nos coutos de Além-Reno, mas menos impregnados de literatura e por sua vez caldeados num *gibier* industrializado, em que o número obtido não revelava um triunfo tão brilhante.<sup>11)</sup>

---

11) No jornal *O Debate*, de 20 de Fevereiro de 1969, são dados como rivalizando com as *performances* da espingarda real, as proezas cinegéticas de Dom Miguel II, em caçadas do antigo Império

Dom Carlos e o Conde de Clary mostravam-se por igual formidáveis no tiro, despachados, seguros e prontos a fazer face às situações inesperadas.

Viam de longe vir os faisões e as perdizes e com uma primeira arma, abatiam duas peças de forma certa.

Voltavam-se para trás e, com outra e igual perícia, derrubavam outras duas. Várias vezes, numa batida, olhando os dois, se viam tombar quatro aves, feridas de morte, redondas.

O Conde de Clary conhecia o *gibier* francês, os seus segredos, estava habituado ao claro-escuro das florestas francesas depois de Setembro – como o peixe na água.

Escolhia vizinhos cómodos para alargar o seu campo mortífero, sabia onde, como e donde provinham o “pêlo” e a “pena” e atirava com intuição insuperável.<sup>12)</sup>

Mas se a sorte lhe era adversa, melancolizava, abatia e não escondia as decepções – parecia outro.

Dom Carlos era um grande caçador mais tranquilo – sempre igual nas boas e nas más horas. Suplantava as infelicidades acidentais, dominava os nervos e procurava apenas efectuar utilmente – o melhor possível.

Quando da histórica batida do Rotschild, o duelo evidente foi de resultados incertos mas, descontando as cautelas e prevenções do ilustre francês, um juízo imparcial e complexivo decidiria a favor da pessoa real. A seu lado, o Conde não dispunha de à vontade completo.<sup>13)</sup>

Se Dom Carlos escrevia com brilho sobre ornitologia, o Conde de Clary prefaciava, discorria, servia proposições e cânones sobre a arte de caçar e abater, com indiscutível jeito literário.

Fez, este último, o apostolado do tiro fulgurante com os dois olhos abertos ou um semi-cerrado de maneira a alargar a prudência proverbial e permitir novas vantagens, em rapidez.

---

Austro-Húngaro, no Oriente e na Austrália. Os números apontados parecem formidáveis também.

Não encontrei, porém, qualquer referência, além daquela acima publicada, a qual infelizmente não se abona com a fonte de informação donde promanou.

12) Vide Georges Benoist, *Grandes chasses, grands fusils*, Paris, 1952.

13) Idem, idem



Dom Carlos e o Conde de Clary atiravam implacavelmente bem a tudo – com a mesma perícia fusilavam galinholas, patos reais, perdizes, gaios, marrequinhas, tinamus, zorzais, andorinhões, lebres, coelhos, raposas e cabritos bravos.<sup>14)</sup>

Havia notícias do duelo, travado num dia de tempestade na Sologne. Os *tirés* eram muito cavados nas avenidas entre árvores longas, espessas e afiladas, o que dificultava o tiro.

Tocados por um vento ciclónico, os faisões cruzavam a pequena facha de céu, cheia de sombras, à velocidade de estrelas fulgurantes, apenas ao *milionésimo* de segundo.

---

14) O Conde de Clary mostrava treino e perfeição únicas. E dele se referem as seguintes notas estatísticas:

- a) Em menos de 3 minutos matou 98 faisões com 104 cartuchos.
- b) Matou, noutra batida, 28 perdizes com 31 tiros.
- c) Derrubou 816 faisões em oito batidas com 1100 cartuchos.
- d) De 1878 a 1923 calcula-se que tenha abatido 316.160 peças de caça. *Grandes Chasses, Grands Fusils*, ob. cit. pág. 303

Os demais convidados quase não notavam estes animais relampejantes. Dom Carlos e o Conde de Clary puderam ainda colocar os seus tiros e obter resultados incríveis, de que ninguém saberia vangloriar-se.

Dom Carlos e o Conde de Clary deram brado, da sua porfia. Viram-nos sempre com igual prontidão e elegância.

Despachavam tiros fulgurantes, espantosos. Também erravam?

Por certo.

O duelo parecia duvidoso mas o grande senhor que foi o Rei, era mais plácido, acusava menos a adversidade, parecia desdenhar ou ignorar a aritmética e não se deixava ensombrar por alguma má estrela diurna. O Conde de Clary afirmava – nunca se é demasiadamente prudente.

E preconizando distinção, alardeando experiência, mostrando saber mais que singular, pôs cuidados e respeitos nos seus escritos que só engrandecem o seu vulto. Enfim, dois rivais, dignos um do outro.

## Bons companheiros e amigos – o Príncipe do Mónaco e o Rei.

Nos primeiros anos deste século começa uma florescência de revistas literárias e mundanas e de *magazines* parisienses, que vulgarizando os cimos da vida representativa e pondo-nos no segredo dos movimentos das grandes personalidades focam, ilustram, elevam, acentuam dois grandes nomes como da mesma classe e de preocupações iguais – o Príncipe Alberto do Mónaco e o Rei de Portugal.

Ambos exploraram os fundos do mar nos seus iates, cientificamente apetrechados; ambos surpreenderam e analisaram as migrações e sociologia das aves peregrinas; ambos amavam, além dos desportos náuticos, assistir às regatas de Cowes e de Kiel e, se não estou em erro, a algumas competições do próprio Principado.

Paixão científica, veia naturalista, alta cultura, amor pelo desporto, um sentimento acabado existencial e o prazer da caça, completavam os armoriais daqueles dois grandes senhores – companheiros e amigos.

O príncipe, no “Princess Alice” estudou os grandes fundos oceânicos, procurou obter cartas das correntes, da constituição das costas e das plataformas e desvendou os segredos da fauna e da flora marítimas.

O rei também investigou, recolheu dados, elaborou resultados, ao longo da costa portuguesa; estudou com êxito a estranha fenomenologia e dinâmicas do atum algarvio cuja pesca pintou a primor.

O príncipe tornara-se um velho de barba à *Guise*, com grande nobreza de porte, sempre *Yachtman*, vestido à marinheira, de longo jaquetão azul, chapéu escuro, calções à *chantilly* e polainas altas.

Atirava com uma *browning* de cinco tiros, acabada de chegar aos armeiros. Era de exceção.<sup>15)</sup>

Tanto na França, como entre nós, os couteiros não gostam da margem de cinco tiros que é conferida aos poucos que dispõem assim de espingarda pronta e mortífera. O protocolo confere 2 *hammerless* de dois tiros. No *château* de Marchais, no centro de grandes charcos e paúis e tanques, entre turfas, juncos, hervagens e lodo, o Príncipe do Mónaco dispunha dum palacete de gótico evoluído, flanqueado de torres defensivas, com corpo central, sacadas e linha de mansardas. Recebia lhano os seus íntimos. Os telhados possuíam grande inclinação, casando-se a elegância arquitectónica com a imponência senhorial.

Em 14 e 15 de Dezembro de 1904, ao que relata escrupulosamente o Sr. Georges Benoist, amigo e privado do Príncipe, foram oferecidas duas batidas ao Rei Dom Carlos.<sup>16)</sup>

Batidas às aves aquáticas, batidas aos faisões – galos, por escolha.

Mataram-se 144 perdizes e 18 faisões. Continuou ali o duelo já começado mas não incerto, Rei – Clary.

Acompanharam-nos o barão de Rothschild, o ministro Sousa Rosa, o Conde de Arnos e o Marquês de Breteuil. Almoçou-se num pavilhão de caça.<sup>17)</sup>

---

15) Entre nós são raros os que, em batida, se servem de tais instrumentos. Lembremos o malgrado Sacadura Bote, o pletórico Dr. Bustorfe, o atirador excepcional, Rui Marchante.

16) cf. *Grandes Chasses, grands fusils*, Paris 1952, pág. 91 e segs

17) É assim que se faz em Muge, na senhora Marquesa de Cadaval e, em Cano, Dom Pedro, no Sr. Bastos Ribeiro.

A caça de água, espantadíssima e difícilima, completava as delícias daqueles mais que dotados *nemrods*.

Escrevia o Príncipe do Mónaco, ai por 1919:

“A caça é o mais poderoso dos desportos, quando praticado com energia, inteligência e nobreza.

“Mantém a saúde do corpo, abre o espírito pela observação da natureza.

“Restaura a fadiga do cérebro e prepara os homens para uma velhice, um tanto viçosa.

“O homem que alimenta o corpo, o espírito e o carácter nas melhores fontes fica defendido mais solidamente do que aquele cujo equilíbrio não é mantido”.<sup>18)</sup>

## Dom Carlos e Eduardo VII

Grandes íntimos, o Rei e o Príncipe de Gales.

Ambos foram julgados pela posteridade como artífices da paz, dotados de bonomia proverbial, amando as temporadas em Paris, ambos com um poder de irradiação que conquistava dedicações e amizades solícitas, prontamente aplanadores de dificuldades, vencedores pelo tacto.

Entre os dois – entre Dom Carlos e Eduardo VII – havia afeição, estima, compreensibilidade, a despeito dos lances dramáticos e da inquinação havida, nas relações luso-britânicas, logo no início do reinado lusitano.

De certa altura em diante, essas relações voltaram a ser excelentes. Aquilo que um escritor chamou “polidez do coração” servia para acentuar a amizade dos dois velhos amigos.

Os historiadores ingleses consignam que o regicídio foi um choque tremendo para o mundo civilizado e que Eduardo VII o sentiu profundamente e sofreu sem disfarce.

O nosso ministro, Marquez de Sobral, passou da chancelaria para os íntimos do rei inglês – amigo da família e por Londres se conservou, findo o regime. Dom Carlos, não obstante o zelo diplomático, com a sua personalidade de excepção, o trabalho lento

---

18) cf. Georges Benoist, *Bécasses et bécassiers*, prefácio de S.A.S. Albert I, Príncipe do Mónaco, Paris 1919.

de abater preconceitos e atenuar os erros, teve uma vida difícilíssima, duríssima, cortada de malsinações facciosas.

O príncipe de Gales, quase vitalício, posto à banda dos negócios públicos pelo autoritarismo materno, viveu comodamente, extraindo toda a frescura de viver sem peias e não encontrando outra solução para o ostracismo senão divertindo-se, viajando e filosofando...



*D. Carlos I e Eduardo VII*

Mas ambos eram desportistas entusiastas, marinheiros de paixão e punham na caça uma estima singular e transbordante – duas espingardas certas.

Mas a justiça é que não distribuía por igual a doutrina dos seus veredictos. O que no último se louvava parecia criticável no primeiro.

O que a Inglaterra recebia com indulgência ou ouvia com prazer, a nossa opinião trabalhada por demolidores, condenava sem remissão.

O que parecia bem Além-Mancha era aqui reprovado ou tido como menos dignificante. Porém o condicionalismo social diferente também explicava em parte o que acontecia.

A Inglaterra – já vem nos *Maias* – empenhava-se na vida saudável e nela ascendia ao primeiro escalão a cultura física e o olimpismo. Entre nós o exemplo real não era perfeitamente aceite, via-se menoscabado, certos desportos despontavam apenas, no meio de incompreensões e resistências.<sup>19)</sup> Uma das nossas sagacidades criou a expressão “política de caçadas” como se elas, fora do terreno diplomático, não fossem tão somente caçadas sem política. É vêr o que se passava em Vila Viçosa, em outro tempo.

## Diplomacia

Em Sandringham, Windsor, Rambouillet, Chantilly, na Prússia etc. nem tudo foram tiros e peças abatidas, recepções e *tableaux*, virtuosismo e infalibilidade de tiro.

Havia homens de Estado, diplomatas, personalidades representativas; o bom entendimento, a comunicabilidade e o diálogo – embora em surdina e sem as espectacularidades destes tempos – facilitavam conversações explorativas, desenvolvimentos, esclarecimentos e imagem de arestas e dificuldades.

É que as grandes batidas fazem parte do aparato externo da vida superior do Estado.

Dominava-as então um protocolo estrito.

Nem sempre respiravam felicidade os que a elas assistiam, pois graves inquietações e ansiedades não poupavam os mais e os menos poderosos.

Dom Carlos exerceu, por igual, os talentos venatórios e as aptidões diplomáticas.

O grande senhor – pesado e tranquilo – era mestre nos contactos superiores. Possuía a comunicabilidade que alicia, a eloquência sempre persuasiva, a polidez real, o talento emoldurado de finura, o diálogo resolutivo, em todo o caso, afectando desprendimento;

---

19) Vide *A Caça*, vol.I, artigo do malogrado Henrique Anacoreta

lutava pelos resultados e não desanimava facilmente, perante a incompreensão e a má fortuna ou a pertinácia alheia.

Não receava os paralogismos nem as obstinações, disposto sempre ao recomeço da luta.

Por isso, as voltas pelas Cortes estrangeiras revestiram-se de sua importância e o Rei teve que afrontar os ambientes feitos ou desagradáveis e afastar preconceitos involuntários ou cavilosos dos grandes desse tempo.

No auge da partilha do Mundo, particularmente das terras da África e da Oceânia, da política de ingresso e dominação comercial, sucedida de ásperas competições tornou-se necessário lutar por direitos seculares e por uma obra à vista, negada pelos que não queriam ver e por aqueles que apenas desejavam partilhar de novo para ficar com mais.

Teve Dom Carlos que combater, que explicar, que reinsistir para que os seus pontos de vista fossem admitidos ao menos, quando não quiseram que fossem aceites. Diplomacia?

É certo que a política não conta as horas, mas a diplomacia até as mede e encurta.

Como sempre tornava-se difícil ouvir a voz dos nossos direitos.

D. Carlos não desanimava perante os muros da obstinação ou da incompreensão simulada. Possuía moderação, tacto que escolhe e afasta, poder de convicção garantia-se com economia de propósitos e gestos.

A gravidade dos negócios mundiais, – na partilha do mundo pelas potências, – abalava e minava as nossas posições seculares e tradicionais. – Que tarefa? Assegurar direitos, no tumulto, conservar o bom nome do Estado Português, preservar o Além-Mar, reabilitar onde o prestígio e a persuasão pareciam perdidos, falar em nome do direito, perante os mais fortes e ousados. Portanto finura, capacidade persuasiva, sangue frio, distinção, saber ouvir, isenção de pedanteria, coragem – sim coragem – atestavam o armorial de quem foi fadado para o mister da diplomacia, no amplo e verdadeiro sentido, não transitório, nem ilusório.

Era o tempo de predomínios cínicos, de cobiças indisfarçadas, de maquinações prepotentes – tornava-se difícil falar da banda dos fracos e defender a política civilizadora como ela devia ser, sem demasias de subordinações a Companhias e grandes interesses.

Calara-se a política idealista.

A missão civilizadora ostentava-se já mercantil e imperialista.

Os argumentos históricos viam-se recebidos com desdém pelos conquistadores de mercados, ávidos de matérias primas.

O criticismo e a distorção, esplendiam depois das sementeiras malignas. Tudo se calava perante certos interesses mais que prepotentes. Que dúvida?! Aproveitar os belos momentos de descontração e evasão dos negócios públicos para lutar ainda, para obter rectificações, ampliação e adequação às vistas legítimas, tal foi a tarefa posta ao grande virtuose do tiro e da caça.

O segredo diminuía os êxitos, a diplomacia mesmo limitava os frutos, os entendimentos conferidos quedavam-se no silêncio das grandes alturas, e, onde não se podia explicar tudo, dava-se lugar a novas murmurações e desconfianças.

Apreciavam o país e os seus mentores os êxitos obtidos, discutindo custos, deslocações e ganhos, num tempo em que tudo era malsinado, medido e regateado? Sempre os portugueses, por deficiente preparação, tirando três ou quatro épocas de entendimento franco entre governantes e governados, consideraram misteriosa e inacessível a política exterior e, por tal, ei-los propensos a arquivar as falhas e desastres mas a celebrar apressadamente as vitórias quando inegáveis estas.

Foi tarde de mais que se reconheceram estes trabalhos de Hércules de quem, fazendo ouvir a sua voz, logrou que nem sempre fossem frustrados os nossos direitos.

## A evolução da armaria e da balística

### 1º) Na literatura:

Até chegarmos aqui podemos ter verificado que não é rica a nossa bibliografia venatória e cinegética.

Mas, por 1718, foram publicados dois livros que, divulgados e assimilados, ajudaram ao fabrico da espingarda de caça de cano cilíndrico e de cão exterior, ferindo a pederneira, mais ou menos artística aquela.

O primeiro livro é de dois irmãos, *Cesar Fiosconi e João Guserio*, intitulado *Espingarda Perfeyta*, Lisboa, J. Galvão, 1718, dedicada a D. João V, onde se afirma “pois na mão de Vossa Magestade tem a espingarda os efeitos do raio.”

Nele se escreve ainda:

“Os poetas referiram como operações divinas de Vulcano, as fulminações de Júpiter, que o disparo prosta gigantes com a sua fúria, os ruídos, estrondos, ornamento que as armas fazem aos valentes.”

O segundo livro, igualmente precioso e, talvez mais espalhado no tempo, era de João Stooter – *Espingardeiro com conta, peso e medida*, Anvers, 1719.

Fornece ainda múltiplos dados sobre a espingardaria portuguesa o trabalho publicado pela Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1909, do insigne erudito Sousa Viterbo, 2ª Série, da *Armaria em Portugal*.

Eis quase tudo do que se dispõe a este propósito.

## 2º) Nos factos históricos:

Antes de fazer referência às colecções de armamento da família Real Portuguesa, vamos fornecer alguns tópicos essenciais sobre a evolução da armaria e balística:

No começo do século XVI – os italianos inventaram a *scoppietta*.

Aparecem pois, nessa quadra distante, as primeiras armas tubulares que vão melhorando até se alcançar o mosquete de mecha inflamável com cronha e cão, não dispensando ainda uma forquilha de apoio. Vem a seguir o arcabuz e aquela primeiramente indicada melhora.

Eis alguns dados sucintos que podem mostrar os marcos essenciais do caminho consumido até se chegar aos nossos dias:

- 1461 – Pero Vasques, espingardeiro de D. Afonso V.
- 1470 – O Judeu Abenrey fabrica espingardas em Arronches.
- 1512 – Referência das Ordenações Manuelinas. O arcabuz de roda, fabricado na Alemanha, é largamente difundido.
- 1517 – Vem a seguir a platina de silex com gatilho a que se chama arma de pederneira.
- 1524 – O almoxarifado do Armazém de Ceuta dá contas de mais de duas dezenas de espingardas.
- 1542 – Os portugueses atiram com uma espingarda que matou 26 marrecos, diante dos Japões, duma assentada. Estes copiam-na logo e difundem-na copiosamente.

- 1780 – Aparecem os fulminantes e o cão reduz-se a um pequeno martelo (avanço notável).
  - 1812 – Canos fixos e culatra móvel.
  - 1815 – Espingardas de dois cães mas com pederneira ainda.
  - 1818 – Arma de pistão. Domínio geral, porém, das armas de carregar pela boca.
  - 1830 – Lefauchaux. Invenção do cartucho rodado de percussão lateral. Outros – 1836. Difusão destas armas de fogo na época de Napoleão III.
  - 1834 – 1857 – Em Inglaterra grandes hecatombes de caça com espingarda de pederneira.
  - 1855 – Percussão central, cães visíveis.
  - 1875 – Anson e Deely facultam espingardas de cães interiores, *hammerless*, delicadas e de alto preço.
- Depois de 1880 – Esta última com platinas de segurança e ejector automático.

Nos anos a seguir – a invenção do *full choke* e *extra full choke* que vão apertando a rodada do chumbo.

- 1885 – Ainda domina a pólvora preta e o calibre 20.
  - 1898 – Aparece a *browning* automática. Mas a *Winchester* de muitos tiros havia-se espalhado durante a guerra civil americana de Norte e Sul.
- Depois de 1900 – Cal.12 com pólvora branca. Carabinas, *long-rifle*, com telescópio, entre elas o 350 Magnum.

Isto é o que se consegue apurar depois de muitos exames e confrontos. Franceses, ingleses, alemães e americanos pretendem prioridades discutíveis, de início e de adopção das novidades.

Assim as “sem cães” são reivindicadas pelos franceses para um arcabuseiro de Versailles, por 1850. E este é um pequeno exemplo.

Inventados os cartuchos, muitos caçadores de elevada categoria – como o chapéu de coco e o chapéu de palha – recusaram o aperfeiçoamento e continuaram a atirar com os seus trabucos e a servir-se de artísticos polvorinhos.

### 3ª) No direito

As nossas leis surpreenderam o começo histórico desta evolução. Assim:

– Segundo as Ordenações Manuelinas de 1512 – 1513, – os *espingardeiros de monte* não podiam ser penhorados nas espingardas, amostrando outros bens móveis, ou de raiz. (Liv.3º, título 71 § 12).

Estavam isentas da penhora – *espingardas* e bestas dos espingardeiros e besteiros de monte, como privilégio profissional, desde que apresentassem outros bens móveis.

Estas garantias eram também conferidas a fidalgos, cavaleiros e acoutiados a cavalo.

*As leis extravagantes*, de D. Sebastião referem-se aos arcabuzes pequenos, dispondo que se não tragam nem tenham em casa.<sup>20)</sup>

*E a lei de 3 de Novembro de 1558*, dispõe:

“Manda El Rei nosso senhor, por se não destruir a criação das aves e por não se perder o primor e arte de tirar a ponto com a espingarda...” proibir que tirassem com munições e pelouros pequenos.

Deviam atirar com munição e pelouro do tamanho correspondente à espingarda ou arcabuz.

Note-se bem – *tirar a ponto* às aves era um primor e uma arte. – As nossas leis foram sempre rigorosas e como fontes históricas as considere inabaláveis. E a elas se recorre ainda. As mais antigas que mencionam espingardas ou armas de fogo destinadas a caçar, que merecem menção, julgo serem estas,

1º – O alvará de 21 de Julho de 1562 fala em matar lebres com espingarda. E a ordenação de 1 de Julho de 1565 refere a caça de coelhos com espingarda, como proibida em muitos lugares.

2º – Também a Carta de Fevereiro de 1569, das *Leis extravagantes*, nº XVII refere os homicídios cometidos com arcabuz e com espingarda.<sup>21)</sup>

#### 4º) A panóplia real

Pela armaria do Paço Ducal de Vila Viçosa e segundo o critério da Fundação da Casa de Bragança de considerar como armas

20) Vide Duarte Nunes de Lião. *Lei XI, tit.II, parte IV* dessas Leis, pag.119.

21) Duarte Nunez de Lião – *Leis Extravagantes*, Lisboa, 1569; Reportório dos cinco livros das Ordenações – Lisboa 1560.

pessoais dos Reis, os de letra inicial ou as de iniciais do seu possuidor, pertenceram:

- a D. Pedro V: – uma espingarda de escorva, de carregar pela boca, Lepage Montier;  
– espingarda de carregar pela culatra, toda trabalhada, com a inscrição embutida “Soriano, inventor a S.M.El-Rey”.
- a D. Luis: – outra espingarda de escorva, de carregar pela boca, Lepage Montier.  
– carabina de repetição, C.E. – WFG – Steyr, M.1886
- a D. Carlos: – Espingarda dum cano “Wilkinson, Pall Mall, London S.W.  
– Espingarda dum cano J.Purdey.  
– Espingarda de caça de dois canos, J.Purdey.  
– Espingarda de caça de dimensão diferente, de dois canos J.Purdey.  
– Espingarda Portuguesa, Modelo 1904, mas de fabrico alemão. (ao que informa a Fundação)

As armas da colecção Dom Carlos I que não foram consideradas de interesse para figurarem no Museu de Vila Viçosa da Fundação encontram-se hoje no poder dos *Herdeiros* da Rainha Senhora Dona Amélia e de D. Manuel II são inúmeras e muitas sem relevância de fabrico e marca.

Distingo no entretanto as de procedência inglesa, mais resistentes, caras e cuidadas, contrastando com poucas armas belgas, poucas francesas e raras italianas.

Das inglesas consagradas mencionarei:

- *Holland and Holland*, cal.20 e 12.
- *S.W.W. Greener*.
- *Cogswell and Harrison*, cal.20
- *Watson and Bros* – cal.20
- *Pateira Greener*, cal.8
- Outras pateiras, *Folley, Greener, James Lang.*, cal.8 (uma *Galand* cal.4)
- Espingardas de caça – *Wilkinson*, várias *Tolley, Reyley*, cal.9, 12 e 10
- Outra *Holland and Holland*, cal.12

Há ainda *Colombo-Michelson, Herald de Liège*, cal.12, *Lefauchaux*, cal.16, 24 e 28; *Holland and Holland* cal.20; Lisboa cal.24, *Cogswell*, 20; *le Page*, 12, *Watson Brothers*, 20...etc.etc.

Não faltam também as carabinas de jardim, cilíndricas e estriadas, algumas automáticas, espingardas-bengalas e pequenos calibres.

Este conjunto encontra-se no domínio de S.A.R., o Príncipe da Beira e na Administração da Fundação D. Manuel II, em Lisboa.

Sobre as espingardas doadas pela Senhora Dona Amélia e pelo Senhor Dom Manuel não há geral acordo e vários dos supostos donatários afirmam não terem sido contemplados, com *Purdeys*. As espingardas, doadas por bons serviços e fundadas dedicações, foram estas:

- Fernandes de Oliveira
- Capitão Veloso
- Duque de Palmela
- Visconde de Asseca
- Marquês do Faial
- Marquês de Monfalim
- D. Segismundo de Sardenha
- Tapada de Mafra.

Dom Carlos desde 1880 até 1908 atirou sempre eximamente, despachando os tiros mas calculando pelo seguro, obtendo resultados uns 28 anos assim entre a expansão de vida e o seu terrível ocaso.

Nesse intervalo, os progressos tecnológicos da armaria e da balística foram constantes e surpreendentes. E deles naturalmente beneficiou.

Começou a servir-se das velhas e pesadas escopetas, depois das espingardas de percussão central; ainda dos pequenos calibres, na fumarada densa das pólvoras negras. Surdiu, em seguida, a *hammerless*, os calibres 28, 24 e 16 foram suplantados pelo 12. E as *pombeiras* vieram estabelecer domínio com os seus compridos cartuchos de chumbo nikelado, e com os ejectores que aceleram a descarga e facilitam o carregamento.

Chegaram enfim as *brownings* de cinco tiros, as quais, não inteiramente fiéis, representavam novas potencialidades.

Vêm também as variedades de *choke* concentrando a *gerbe* às proximidades do tiro à bala, requerendo maior exactidão. Esta escala evolutiva mas insensível estava do lado do vencedor de torneios, do dominador de coutadas e de territórios povoados, apenas

proporcionando ao atirador proezas mais fulgurantes e ao caçador um superior *carnet*, se possível.

Mas as vitórias numerosas e o gosto difundido do desporto era fatal que fosse diminuído o povoamento a despeito dos esforços tentados de recuperação.

### Vestuário de caçador

Para descobrir, rastejar, cercar por armadas, acosar e correr, matando o porco montês de várias formas, o *Livro de Montaria* fornece indicações precisas sobre o traje a utilizar nas buscas e perseguições. D. João I recomenda o que os senhores monteiros de pé e a cavalo, moços do monte e escudeiros hão-de vestir acomodadamente nos arvoredos, charnecas e vales, durante os actos venatórios.<sup>22)</sup>

Devem trajar bem uns e outros; com traje adequado para tal “jogo”. Nada de panos de sirgo, mas tecidos de lã, pano pardo, e todos os do monte podem usar o mesmo figurino que de reis se trate.

Vestes que não se colem nem empeçam os movimentos. Nada de embargar o que se há-de fazer e o mesmo das luvas compridas ou curtas. Vestes também não muito longas, ajustadas ao exercício a cavalo e a pé e a romper os matos. Botas e safões resistentes, etc.

D. João I, dedica assim um livro – o terceiro – aos bons monteiros e demora-se também sobre os vestidos e trajos dos participantes.

Sem afastar preocupações de elegância e gosto, a maneira de trajar, algo solta, prática e adequada às correrias e perseguições obedecia pelos vistos a figurinos racionais. Andar a monte e praticar desporto, por vezes violento e sujeito aos caprichos da meteorologia, era diferente de engalanar-se para luzir num serão palaciano.

As tapeçarias flamengas, os *gobelins* estadeiam, porém, a imponência, capricho e variedade dos trajos e das peças de vestuário mas sempre adequadas ao exercício de ar livre, na perseguição dos animais bravios. Claro que o caçador individual e o furtivo, quando solitariamente se entranham pelos bosques e matagais, não revelam nem cedem a preocupações de elegância mas conservam e adotam formas de indumentária que não tolhem os movimentos, que

---

22) cf.edição Esteves Pereira, pág.324 e segs.

defendem de surpresas e ajudam a passar os obstáculos. Ainda vivia D. Luis e já o desventurado soberano, seu filho, Príncipe Real, vestia o traje regional do Alentejo como um abegão – jaqueta, safões, camisa branca, facha cingida aos rins tão confortante e recomendável, chapeirão cordovês. – Pura amizade pelas nossas coisas! Em 1881, fotografam-no e pintam-no com polainas de Saragoça, safões, blusa de cabedal e o chapéu alentejano debruado, caído sobre os olhos.

Mantém-se bastante fiel a este figurino, recebido com certa apreensão num meio que timbrava em mandar vir tudo das capitais estrangeiras e desdenhava do que era realmente nosso.

E mais chocante – a Rainha, parisiense da gema, acompanhava-o na moda regional.

Em vez do *Knickerbockers* do famoso Conde de Clary, do traje marinheiro do Príncipe do Mónaco, dos paletós cingidos do extravagante elegantão Conde Bossi de Castellane, Dom Carlos permanece bastante fiel à indumentária de Vila Viçosa.

Às vezes, mas raramente, utilizava o *veston* largo, algo solto, as pantalonas francesas, punha um cravo na botoeira e derrubava o chapéu mole agora para atirar.

Não quiere nada que o desajuste, que o impeça, que lhe dificulte o tiro, que tolha a sua presteza.

A parada de elegância nas batidas oficiais desse tempo, com exceção de Loubet e Fallières – que atiram de casaco usual e colarinhos, oferece variedade de figurinos – as *shooting jackets*, os blusões, os casacões, os casacos militares; regra geral castanhos, verdes ou de padrão escocês.

Os *hunting coats*, as capas à maneira dos *moors*, os *knickerbockers* vitorianos destinam-se ao ar livre, ao exercício saudável, procuram assegurar conforto, desportivismo mas também ostentam elegância, protegem do vento e da chuva, não impedindo a marcha e, menos ainda, os tiros, não desmancham do hábito de andar bem e mostrar distinção; costumes imperceptíveis mas recomendáveis que graduam e superiorizam sem o parecer e sem afligir filisteus, e que naufragaram nos últimos anos.

No tempo em que o desventurado soberano apresentava o traje característico dos montados, os soberanos ingleses caprichavam em mostrar-se com traje escocês; Guilherme II adoptava uma variante bávara; o imperador Francisco José, caçava à tiroleza e o Rei

Humberto envergava a farda dos alpinos, nas suas digressões à procura das camurças.

É quase certo que uns e outros não inspiravam desconfiança e, menos ainda, tiveram de enfrentar críticas a este propósito.

Mas o que era racional, nacionalista, popular foi encontrado – entre nós – e apodado como maneira rústica e despropositada.

Claro que, na caça, também se encontram caprichos visíveis, insólitas modas, variantes incompreensíveis.

Lembrar-me-ei sempre do meu querido professor Caeiro da Mata, sempre um *gentleman* de plena distinção que fazia alguns tiros às perdizes com sapatos polidos e brilhantes e colarinho alto impecavelmente gomado.

Na Sologne os meus companheiros, em vez de blusões e camurças Burberry e da 5ª Avenida ou de Haymarket ostentavam trajos confeccionados nos grandes alfaiates de Paris.

As senhoras luziam, reluziam e ofuscavam os seus *tailleurs* assinados pelos grandes costureiros, de Pierre Balmain a Saint Laurent. Porém uns e outros com os batedores e auxiliares e serviços calçavam o mesmo tipo de botas altas de borracha verde, para todo o tempo, que indistintamente os unia.

D. Carlos adoptava o traje regional característico e associava a caça aos prazeres e ao estilo de viver campesino.

Não sem surpresa e sem resistência.

Personalidade de alta responsabilidade escrevia:

“El-Rei pareceu-me sincero. Eu conhecia-o, e com ele convivera de perto desde o meu primeiro governo em 1881, quando era ainda simples herdeiro do trono.

“O público não lhe fazia justiça. Viam-no vestido à maneira do Alentejo, de jaqueta, cinta e chapéu desabado, e supunham-no um rústico sem ilustração nem cultura. Que profundo erro!

“Ele era extraordinariamente ilustrado e muito inteligente. Tinha uma vasta educação literária, científica e artística. Apreciava com grande prazer espiritual uma boa poesia, uma obra de arte e até um argumento finamente arquitetado. Quando...”<sup>23)</sup>

Não conheço outro testemunho como este ou que dele se aproxime.

---

23) cf. Dr. Júlio Vilhena, *Antes da República*, Coimbra, 1916, pág.370 e 371

Sob a aparente defesa, o rumor corre, a imputação reforça com aura popular e a defesa atinge um calor inesperado.

Os livros do Conselheiro Júlio de Vilhena propendem e focalizam de preferência os lances partidários, os arranjos e transacções do padrão português de vida parlamentarista, as lutas de facção e as complexidades, enredos e contingências na escalada do poder pelos homens de partido e a sustentação no governo, seja como for. Só episodicamente, as pessoas reais e as personalidades de relevo além da política são mencionadas como fora do escólio social. Muito vivo, inteligente, com esplêndida formação jurídica mas nem sempre feliz na conquista e exercício do partidarismo, ministro talentoso mas fraca figura – pois era de estatura diminuta – como outros dessa classe não perdoava ao próximo nem ao trono, o seu desconsolo. Sofria de falta de desportivismo e seria difícil vestir trajo adequado e brilhar, no meio elegante e no ar livre onde brilhavam caçadores reconhecidos.

Embora preciosos os seus depoimentos chegam a olvidar as más horas do Ultimatum e os incidentes e dramas históricos da comunidade até ao horroroso epílogo do reinado.

Parece que a chefia do Estado não houvera de ser uma coordenação suprema mas um pau mandado, uma mordomia afável e solícita às injunções dos comandos partidários, alternando-se no governo e na distribuição de cargos e benesses, pelos seus apaniguados.

E sobretudo isso.

## *parte segunda*



### Técnica das batidas. Famosas caçadas reais no estrangeiro

#### 1º) – Tiros e...

As formas mais propensas à arte cinegética e às *performances* dos atiradores são as batidas, recorrendo a linhas comandadas de batedores que – com ordem e método – vão canalizando aves e animais de pêlo, na direcção das portas onde só alguns atiradores dispõem do privilégio de atirar, intensa e frutuosamente, sobre uma caça abundante.

É uma técnica que se contrapõe ao atirador simples, levantando a caça diante de si, ou ao sistema alsaciano de círculo exterminador e da linha extensa de grupo entremeadado de caçadores e atiradores, que vão talando o terreno de refúgio.

As batidas revestem três modalidades dignas de destaque:

- a) a britânica
- b) a francesa
- c) e a ibérica

sendo, apenas variante o sistema ensaiado pelos alemães.

A) As *coutadas inglesas* dispõem de árvores seculares, irregularmente distanciadas, deixando pelo meio clareiras, ervagens e culturas e formam, por vezes, cortinas imponentes que mascaram os atiradores.

Os faisões e perdizes apresentam-se em quantidade grandiosa, fruto de pacientes e criteriosos repovoamentos, ou de aquisições, e soltas subordinadas a meticulosa preparação e programa.

Sabe-se que foi, assim, o rei de Portugal levado a Sandringham, entre King's Lynn e Fakenham, coutada famosa pela sua intensidade de povoamento. Outras vezes homenagearam-no na floresta de Windsor que se estende por muitos quilómetros.

Possuía esta última belas avenidas e aceiros, árvores seculares e nela pululavam tanto os cervos como os gamos

Aqui, o protocolo reinava mais formalmente e com rigor do que naquela primeira coutada real, embora se tivesse avantajado a primeira com a produção mais cinegética. Coisa diversa é a batida escocesa do *grouse* – que suponho – onde o Rei não foi levado nunca, a despeito das suas relevantes dificuldades e características, tão invejáveis como singulares.

B) As batidas francesas concentram-se na Sologne mas a Presidência da República desvia dos limites desta para o domínio de Rambouillet, um castelo e parque magníficos.

Desde Luis XIV e Luis XV que este couto se tornou famoso mas como não era muito extenso foi objecto de medidas judiciosas e proliferantes.

Napoleão tomou-o à sua conta e promoveu o seu desenvolvimento.

Na França central, os faisões aclimataram-se e reproduziram-se satisfatoriamente, mas aquele domínio foi dotado pelo Imperador com magnífica e grandiosa *faisanderie*.

As avenidas são folgadas e traçadas a preceito. Os abrigos são encanastrados e dispensáveis, por vezes.

Batedores e guardas vão clamando, vestidos de grandes balandraus brancos: – “*allez... – allez... !! ... – pá...pá...pá!!*”. As florestas, em terrenos arenosos, compõem-se de maciços de duas espécies de carvalhos e de bétulas, por vezes com algumas linhas de choupos e de tílias.

E não é tarefa fácil, sempre, acertar. Por vezes é forçoso distinguir no ar as faisoadas dos faisões, não poupando os últimos como perturbadores da criação. Outras vezes, a altura das árvores mostra-os apenas naqueles céus sombrios, de setembro em diante, como relâmpagos.

E os tiros não expeditivos chegam apenas à varela do foguete que é a cauda do emplumado animal.

As charrelas, essas vêm juntas, em enorme bandada. Os batedores avisam a sua erupção tocando uma trombeta de caça.

Toda a linha dispara para a nuvem e, por mercê da sorte, apenas caiem duas ou três. Ou então voam direito à altura dos olhos, inopinadamente, e as suas penas cinzeas e acastanhadas tornam-nas indemnes por falta de visibilidade do caçador, mesmo bem atento que esteja.

Os tiros utilizam chumbo miúdo – que fere e não mata – mas responde às exigências da culinária francesa que é soberana, na concepção e no gosto e não permite que o animal seja destroçado ou desfeito, porque há de servir em soberana confecção.

As lebres não de estar gordinhas e os faisões pesados e emplumados.

As coisas passam-se diferentemente nas belas batidas na Sologne do que acontece no domínio presidencial de Rambouillet.

Nas primeiras, o almoço é fixado cedo e aí se faz a junção dos convidados que, nos seus belos automóveis, gastam no percurso de Paris, por Montargis, duas horas menos 10 minutos. Caça-se todo o dia e acaba-se ou num chá elegante ou num jantar cuidado e rápido para permitir o regresso à luminosíssima capital.

Em Rambouillet, personalidades de excepção, sumidades e diplomatas vêm cedo e caçam apenas até pouco depois do meio dia. Almoça-se e o regresso permite trabalho ou desenfado, a tarde inteira, em Paris, o que é um ganho também.

A despeito da prosápia inglesa de que as suas batidas são frutuosas e magnificamente organizadas, há nas batidas francesas um encanto especial, um atractivo supinamente elegante, um não sei quê que as torna insuperáveis.

C) *As batidas peninsulares* com animais bravios e fugitivos, como as perdizes rubras, resistentes aos tiros e de movimentos decepcionantes, também não são fáceis. Cuevas Rubias no fim de Janeiro torna-se um rosário de decepções.

Em Espanha, os batedores a cavalo e a pé, comandados, clamam: – *pájaro... pájaro...*! Na Andaluzia sôa a: – *páreo... páreo.*

Elas por muito enroupadas e deixadas para tarde, por valentes e couraçadas, carecem de tiros certos e fulminantes.

Em Portugal, com menos densidade, os batedores gritam: *lá vai... lá vai... lá vão elas, ai que lindas*; os tiros talvez menos difíceis recaem sobre uma caça menos densa mas mais desnorteante

de movimentos e requerendo proezas de tiro que não estão ao alcance de muitos.

Reporto-me ainda às batidas alemãs e Dom Carlos também brilhou nelas, como sempre fizera.

Eram paradas brilhantes de uniformes, um protocolo rígido e formalístico, disciplinado ao máximo, que mais parecia uma operação militar que desfastio. As passagens de javalis e veados facultavam belos tiros e resultavam imponentes, no quadro final.

As paisagens incomparáveis do Tirol e da Prússia, enobreciam-nas de beleza.

Os métodos industriais de Além-Reno permitiam milagres de repovoamento e enriqueciam as passagens dos animais batidos.

### Notícia de caçadas reais

Em Janeiro de 1886, com 23 anos, o seu noivado com a Princesa Amélia de França, decorre em Paris.

Tem o príncipe real Dom Carlos por si conhecimentos e experiência mostrando-se já um atirador seguro e expedito.

Há notícia de duas caçadas, em Chantilly, que o Duque de Aumale reconstruira e doara ao Instituto de França.

O parque bem provido e frondoso começa nas três grandes avenidas da pa de ganso.

A Princesa acompanha o noivo e participa nas batidas.

É aclamado rei nas Côrtes de 19 de Outubro de 1889, no meio da conjura das potências colonialistas, nos entrelaçados efeitos das crises financeiras de 1880 a 1889 e 1891, e na exacerbação das lutas dos partidos ávidos de mandar, mesmo sem organizar e construir, sem nada fazer.

Sobe ao trono com 26 anos, com pouco mais de idade com que se formava um bacharel, um médico e um engenheiro, embora bem preparado para reinar à inglesa, pelo figurino consagrado. No ano de 1895 há notícia da sua destreza excepcional, suplantando as espingardas mais reputadas.

Em Rambouillet é recebido pelo Presidente Félix Faure – um presidente que tinha corte – cultivava armoriais e elegâncias e lutava

por uma farda. Caçador devotado, manteve elegante rivalidade com Dom Carlos, já atirador excepcional.<sup>24)</sup>

Depois, no mesmo ano, caça em Chaumont, Loire, no castelo dos Broglies; e ainda em Chantilly.

Na volta pelas cortes europeias, ensaiando um precoce talento de diplomata, caça com Guilherme II, em Weldpark, aos javardos e corças.

E, por fim, em Sandringham, com o amigo, o Príncipe de Gales, aos faisões.

E a 1903 hospeda-se como sempre no Hotel Meurice, rue de Rivoli, em Paris, onde tantos portugueses não passavam sem emoção.

A chefia do Estado francês foi então entregue a um burguês, simpático, de olhar vivo e de ânimo brando, atenciosíssimo e delicado – Émile Loubet, desde 1899. Caça com ele em Rambouillet e em Compiègne. Acompanham-no o Conde de Sousa Rosa, ministro plenipotenciário em Paris, o seu secretário Conde de Arnos e o oficial de marinha às ordens Pinto Bastos.

Depois vai às batidas da Duquesa de Uzès, princesa de Ligne, onde são abatidos 400 faisões. Mas esta grande dama torna-se famosa depois pelas suas matilhas de venação.

Em seguida numa outra do Duque de Chartres. Entretanto D. Carlos adquire uma categoria acima de todas as classes e os seus tiros tornam-se famosos e proverbiais.

Nesse ano, ainda caça em Vila Viçosa com o “*Juevencito*”, D. Afonso XIII, simpatiquíssimo e mais que distinto.

Enfim, por 1901 Eduardo VII é rei, depois dum principado de 6 décadas, e, de novo em Sandringham, a grande coutada de faisões da família real testemunha o seu virtuosismo, único.

O mesmo acontece, em Outubro, ao ser recebido pelo superjanota Boni de Castellane, o que malbaratava os milhões da americana Guld.

Eduardo VII atirava com placidez e finura, aparecia sempre nos *stands* de Monte Carlo e do Bois de Boulogne. D. Carlos atirava de ímpeto mas era sobretudo brilhante, qualquer que fosse o campo de tiro e a arma manejada.

---

24) Vide A. J. de Azevedo, *D. Carlos o desventurado* Lisboa, 1908, pág.14

Com as suas *Holland and Holland*, os ingleses treinavam-se nos *rocketing pheasants*, lançavam os pratos duma alta torre, jogando-os por cima e pelo meio de árvores frondosas, a grande velocidade, ou rastejavam-nos a imitar perdizes.

Com tal treino pode figurar-se a sua classe e admitir-se o lugar de quem os rivalizasse.

Quando Eduardo VII o visitou em Lisboa, por abril de 1903, esteve na Tapada da Ajuda – não era tempo de caçadas – vendo o seu real parente fazer alguns tiros notáveis, como sempre.

O armeiro parisiense Pirlet acompanhava o rei português nas batidas. Mas há quem afirme que ele se municiaava também nos estabelecimentos Gastine Rennette ou, pelo menos, praticava largamente, no seu *stand* de tiro aos pombos.

Segundo o depoimento do armeiro, não era destruidor de cartuchos.

Atirava com eficiência, sem embargo de ser extraordinariamente rápido. Sereno, não influenciável pelo azar, indiferente à colocação e presteza dos vizinhos nas portas, cumpria seguramente a sua tarefa e parecia alheio ou indiferente às colheitas excepcionais dos seus tiros, como em outros pontos se anotará.

Merecem referência ainda as idas às batidas nos arrabaldes de Badajoz, onde se apresentavam as duas mais famosas espingardas espanholas – Covani e Gragera, numa competição respeitosa. Mas Dom Carlos brilhava sempre, e triunfava sem dificuldade.

## Montarias e caçadas no país

O rei, virtuose de tiro, espalhou o seu chumbo pela imensidade do território, destacando os lugares consagrados ao exercício das artes venatórias e cinegéticas.

Enumeremos alguns dos cantões marcados de preferência, cuja memória se distancia e desvanece já:

### 1ª) Cercos aos lobos

Estavam na tradição, tanto no Alentejo como nas Beiras e no Nordeste, os cercos gerais aos lobos, com bandeiras, em que se juntavam as povoações e concorria a tropa com uma certa disciplina, naturalmente indispensável.

Mesmo assim era difícil pôr ordem no ajuntamento, fazer obedecer os participantes a umas regras de estratégia e de segurança, sobretudo.

José Paulo de Mira, por 1878, criticava muito as montarias de cerco – perigosas, pouco produtivas, desordenadas, no meio de vozearias e com caçadores improvisados, pouco atentos, que apenas pensavam em merendar e proclamar a sua participação.

Só a Providência – afirmava ele – evitava as desgraças que estavam à vista, sempre.

Por outro lado, os matos iam desaparecendo nessas alturas, e a sua limpeza afugentava os lobos, para longe sempre.

Mira achava defensável as batidas ou montarias parciais e que se melhorasse o sistema de recompensas que vinha da velha legislação.<sup>25)</sup>

No Norte, as montarias aos lobos caíram em decadência mas a florestação das serras no nosso tempo trouxe como consequência de novo a sua proliferação, e a necessidade de voltar às batidas.

E, assim, voltaram às montarias.

Assisti a algumas.

As povoações concorriam com uma certa ordem e segundo o planeamento estabelecido mas ávidas de se destacarem no ajuntamento.

Os caçadores faziam-se acompanhar dos seus rafeiros e podengos, sendo nos pontos mais impenetráveis dos matagais que os lobos se iam acantonar. Quando os cães uivavam de certo modo sinistro, os lobos ficavam denunciados, podíamos estar certos.

Porém, desconfiados como são, finórios, inspectores das alturas, safavam-se a tempo e, embora presentidos e até vistos, punham-se fora do alcance de tiro com desembaraço.

Os lobos andam muito e, dum dia para o outro, aparecem a 60 e mais quilómetros do seu fojo inicial e assim tornam-se inseguros às buscas e cercos.

O desventurado monarca apreciava imenso tais montarias, despachava cautelosamente os seus tiros, acertava com rigor e eficiência.

As batidas, onde concorriam batedores e atiradores, eram limitadas por motivos óbvios. Mas foi nelas que conseguiu alguns

---

25) Vide – José Paulo de Mira *Um brado contra as montarias de cerco aos lobo*", Évora, 1878

tiros memoráveis, mostrando que à bala e a zagalote mantinha igual domínio ao do chumbo, a despeito das maiores dificuldades a vencer.

D. Pedro V, D. Luis e D. Carlos atiravam com interesse relevante aos lobos e, sobretudo no norte do Alentejo; tomaram parte nesses cercos, nem sempre frutuoso, mas convocando caçadores e batedores do mato espesso.

## 2º) Montarias aos javardos

Findaram em Portugal, há muito tempo, as montarias dos porcos bravos, de predominante tradição.

Houve – as famosas na Serra do Roboredo, em Moncorvo, e delas se faz eco o romance de Camilo *O Santo da Montanha*.

Mas ainda sou do tempo que, caçando aos coelhos, em Penhas Juntas, em Montesinho e na Serra de Ala e junto à Fronteira, podiam aparecer um ou dois javardos. Ou que estes cruzavam na estrada de Bragança, à luz dos faróis. Todos atiravam, quando se proporcionava. Os cães acossavam-nos valentemente, com brio, mas eles aguentavam e faziam pagar caro o atrevimento dos podengos e cães guardadores de gado.

Depois do animal ferido vinha um serrano e com um “canabucho” de carregar pela boca disparava-lhe à queima roupa. E surgia então uma festa.

A carne, os lombos e os salpicões eram escuros, sabiam a mato mas havia quem tal apreciasse sem necessidade de recorrer à fina culinária do “Jockey” de Madrid, onde a peça mestra é servida com bagos de romã.

Mira recomendava que se atirasse com duas balas ou com três zagalotes ou pouco mais.<sup>26)</sup> O seu estudo é excelente e por ele se vê que, de 1840 a D. Pedro V, prosseguiam constantemente as montarias, as esperas, as cargas com rafeiros apropriados, as perseguições de noite e a cavalo.

De Pancas do Muge até ao Algarve, da fronteira de Badajoz, das Alcáçovas até à orla marítima, os javardos foram monteados, perseguidos e abatidos, sem quartel, no último século.

Estas batidas que tiveram lugar no tempo de D. Carlos foram porém as últimas. Ninguém se lembrou de reconstituir um desporto que tinha as suas dificuldades e atractivos.

---

26) Vide *Uma noção de caça ao javali* Évora, 1872.

Mas não sucedeu assim em Espanha, onde, a despeito dos precalços da Guerra Civil, continua a haver montados inçados destes bravios e não rareiam os aficionados de tal desporto.

### 3º) Lagoa da Albufeira, na Apostiça, – outra Banda.

D. Pedro V fez dessa propriedade da Casa de Bragança, um retiro de tranquilidade, repouso e reflexão.

Reinava ali um silêncio profundo, apenas profanado pelo marulhar e pelos gritos das aves aquáticas. Rodeado de charneca, ainda distante do mar, D. Pedro V adorava essa solidão, refugiando-se num pequeno pavilhão térreo, pouco acompanhado sempre e, por vezes, ficava dias.

Atirava aos patos, aos maçaricos e aos coelhos.<sup>27)</sup>

D. Carlos foi várias vezes à Lagoa da Albufeira atirar também aos patos e galeirões, apenas acompanhado dos seus áulicos – Marquês do Fayal e Conde de Arnos. Mas não se demorava além das deambulações cinegéticas pelas margens ou ao longo das valas.

### 4º) Tapada de Mafra.

D. Carlos antepunha às belezas edénicas de Sintra, ao seu palácio mourisco-manuelino, a Mafra cinegética da Tapada Real, onde havia sempre profusão de javalis, gamos, gatos bravos e raposas.

A Tapada está bem circunscrita, é acidentada e pitoresca e, quando assisti em 1952 a uma batida, os gamos surdiam ainda em grande número, podendo assim ser abatidos em pouco tempo uma meia dúzia.

A Rainha Dona Amélia adorava Sintra, desenhou-a a *crayon*, desenhou-a também a lápis, fez algumas aguarelas, passava ali a temporada estival.

Mas o Rei achava essas férias de Sintra longas de mais e exclamava com ironia – Sintra, que beleza; no verão, vem o inverno ter connosco!

E ia.

Em Mafra, havia durante o seu reinado, além da caça grossa, profusão de galinholas.

---

27) Vide – *Guia de Portugal*, B.N. de L., 1º vol, pag.613.

Duravam três dias as digressões cinegéticas e, várias vezes, o acompanhou o Príncipe Real, Dom Luis Filipe, que mostrava predilecção e geito pelo desporto. – Bom sangue não mentia!

Abatiam-se aos dois e três gamos.

Abatiam-se aos três javardos.

Foi em Mafra – conta Malheiro Dias – que Serpa Pinto, convidado de El-Rei, se queixara por ter de atravessar a Tapada a pé, respondeu imperturbável a um caçador que lhe perguntou como em Africa a poude atravessar, com a seguinte *boutade* – “Nunca o disse a ninguém mas foi em chinelos!”<sup>28)</sup>

O Rei hospedava-se no que, pomposamente, se chamava o Palácio, 11 aposentos, no corredor nobre, de torreão a torreão, do lado ocidental.

A cama do Rei era exactamente igual à de Vila Viçosa e das Necessidades, no sentido duma comodidade igual, de eliminar assim a estranheza e atenuar as insónias a que era sujeito.

A primeira vez que o Presidente Salazar e eu visitámos os alojamentos reais ficámos surpreendidos com a sua modéstia e desconforto.

Penalizado, aquele famosíssimo homem de Estado, não se conteve que não dissesse:

– “Como a história se escreve! Esta instalação mostra-se inferior à de qualquer *brasileiro* das nossas terras.”

A tapada é um imponente circuito muralhado de 20 quilómetros, de mato viçoso e florido, por vezes frondoso, com lagoas e represas, avistando o mar e a Serra de Sintra, tão altaneira e impressionante. D. Carlos usava almoçar no chamado chalé de El-Rei,<sup>29)</sup> e a tropa ajudava a faina com igual *entrain* e boa disposição.

## 5ª) O Vidigal

Desde D. João V que a Corte portuguesa mostrou também predilecção pelos domingos passados perto de Vendas Novas, no famoso domínio rural – o *Vidigal*. Era uma grande herdade do Sul, bem provida de tudo, desde as searas às vinhas, dos pomares aos olivedos, das boiadas e caudelarias às manadas de gado bravo.

28) Vide C. Malheiro Dias, *Cartas de Lisboa*, 3ª série, pag.253.

29) Vide Biblioteca Nacional de Lisboa, *Guia de Portugal*, I, 1924, pag.568

A caça abundava também.

E no Vidigal havia, ao primeiro relance do olhar, fazenda e produções de orgulhosa e farta lavoura.

Simplemente não existia o solar que se esperava e, em vez deste, encontrava-se já ao lado do Tejo, o *monte* característico do Alentejo, guarnecido é certo por algumas dezenas de quartos e, em frente a estes, um *tentadero*, próprio às exhibições tauromáquicas.

O rei D. Manuel II, por saber da riqueza e pujança agrícola da propriedade de Vendas Novas, muito se empenhava em que ali se implantasse uma escola agrícola com o nome do seu tão malfadado mas estremecido pai.

Havia fatalmente questões económicas e jurídicas complexas em volta da herança mas é certo que ainda hoje não compreendo bem porque não se encontrou a realidade com o nobre intuito do erudito exilado.

Os que iam a Vendas Novas – e aí se proclamou o rearmamento do Exército, algo demorado pelas circunstâncias técnicas mais que políticas – verificavam, como em Mafra, também não se esconde a decepção perante a rusticidade das instalações reais.

No Vidigal, D. Carlos caçava também com o Príncipe Real às perdizes mas estas começavam já a rarear. Noutra lugar nos referimos aos tiros ali feitos.

Foi no Vidigal que, ao ensaiar uma lide a cavalo, mestre Vitorino Frois se viu desmontado e quase liquidado pelo padreador “Couraça”. Rápidamente o Rei puxou duma carabina, atirou de frente quando o toiro avançava, abatendo-o dum só tiro, episódio já referido. Este caiu redondo, mugindo.<sup>30)</sup>

Fazia-se ali vida no estilo alentejano.

Havia sempre migas, açorda alentejana, paio de Arraiolos e vinho capitoso de Borba.

Só há pouco desapareceram os últimos testemunhos da dedicação do Rei pelo estilo de vida campestre, pelos trajes e pelas paisagens que retratou esplendidamente.

## 6ª) Palma

A herdade de Palma do grande lavrador, José Maria dos Santos, era o mais majestoso dos domínios rurais do Sul.

---

30) Vem este episódio em Rocha Martins, ob.cit.270

Tinha uma casa solarenga que um incêndio destruiu, duas aldeias, oficinas e abegoarias descomunais e 18000 hectares de coutada, com montados de sobro e azinho, olivais e várzeas. Era crença que orçava por muito mais superfície.

As batidas eram produtivas em coelhos, lebres e perdizes e, no começo, do reinado, abundavam ainda, nos matos mais espessos, os javardos.

Fizeram-se montarias a que o real caçador assistiu e tomou parte entusiasmado.

Uma tarde, sobre o jantar, o Rei viu numa galeria uma vara de porcos de recria e ficou alvoraçado por supor que eram monteses para acostrar no dia seguinte.

José Maria dos Santos não teve coragem de resfriar tal entusiasmo, rectificando a observação do hóspede.

Esse edifício senhorial ardeu e o Snr. José Ponce de Andrade construiu, ao lado, uma bela casa à portuguesa, acolhedora e cativante. O sul da Herdade foi revolvido, drenado, terraplanado e plantado de dezenas de milhares de oliveiras, ainda jovens, onde as perdizes rubras se acoitam depois das batidas.<sup>31)</sup>

### **7ª) Montarias em Arronches**

Além destas montarias, tanto no Inverno como na Primavera, eram frequentes as de Arronches, nas herdades de Tagarraís, de Chainca e no monte de Malaque. Convidavam-se as autoridades de Badajoz que estavam próximas.

Não faltavam os javardos nem os lobos corpulentos. Mas abatiam-se poucos. Finórios uns e outros, esgueiravam-se aos batedores e às matilhas de recova.

3 porcos monteses e 2 lobos já era um resultado satisfatório mesmo com espingardas como as de El-Rei.

Os montes inundavam-se de gente para ver o real monteiro, havia bandeiras, miúdos pelos telhados, estrugiam vivas na

---

31) Muitas vezes assisti a batidas e caçadas nessa principesca herdade, progressiva e povoada de árvores frondosas, que se estende a caminho do Ribatejo.

Ali caçou algumas vezes, novo ainda, o Príncipe de Espanha e não faltava nunca S.A.R. o Snr. Conde de Barcelona, e os seus nobres companheiros, entre eles o espantoso atirador, Duque de Algeciras que realizava prodígios sempre.

concentração matinal. Vozearias. Várias vezes chovia impiedosamente mas D. Carlos não desistia.

Não queria porém correr lebres nem os galgos pareciam interessar-lhe como era essa a paixão de tantos.<sup>32)</sup>

O Rei continuava fiel à jaleca e aos safões e as belas equipagens de duas parelhas arrastavam os grandes *chars-à-bancs* para o lugar de eleição dos couteiros.

### 8ª) Castelo-Branco

A convite do par do reino, Tavares Proença, também várias vezes D. Carlos se deslocou às montarias da Malpica e da Mancha dos Andreos, em Espanha.

Esta última era de D. José Burgos.

Havia muita caça grossa. Abundavam os javalis, lobos e raposas.

A arma real fazia estragos quase pela certa, nas batidas de 1905, por alturas de Fevereiro.

### 9ª) Tomar e Ferreira do Zézere

No couto de Peres realizaram-se várias montarias a que o Rei esteve presente e atirou.

### 10ª) Matilhas para montaria

O Conde da Penha Longa ofereceu ao monarca uma matilha de cães próprios para caçar a corricão – animais finos e escolhidos, apreciando-os sobremaneira, o real donatário.

Também fazia muito gosto em possuir outra matilha de podengos alentejanos, primorosamente apurados e que proviera do grande cinegeta e monteador, Jacinto Pais Falcão. Tempos bem diversos estes em que a fúria dos automóveis e o consumo da gasolina chegam a parecer impeditivos da posse de matilhas de caça e inimigos da persistência das raças de cães portugueses de maior apuro.

---

32) Entre eles destacava-se o Marquês da Graciosa, nobre amigo, grande senhor tranquilo, muito no jeito de El-Rei, possuidor de afamados *grey-hounds*.

## A batida de 8 de Dezembro de 1905 na Abadia dos Vaux de Cernay.

A mais famosa batida de todos os tempos, pelo esforço exigido aos caçadores, pondo à prova a sua maior perícia e rapidez e pelas cifras atingidas na hecatombe, foi a 8 de dezembro de 1905, na Abadia dos Vaux-de-Cernay, em honra do Rei de Portugal, dada pelo banqueiro, barão H.de Rothschild.

A data parecia escolhida para agradar aos portugueses.

A batida foi longa e sabiamente preparada. Não se recuou perante nenhum arrojo de intensificação de repovoamento; não se olhou a despesas como era timbre duma família de hábitos rasgados a qual, sabendo poupar e amontoar, também sabia investir e dispendir até ao desperdício. Keynes não surdira... Era esse um tempo em que a protecção legal se intensificava, sobretudo, nas alturas da criação, quando hoje se impõe sempre e em todo o tempo.

A despeito das substituições e reparo das faltas, as grandes hecatombes estão contra-indicadas e devem ser até banidas.

Nesse tempo era diverso, tudo se passava com liberdade plena dentro dos muros, vedações e limites das coutadas. Mas hoje a raridade, a escassez e a crise geral da caça impõem que o extermínio deve ser contrariado mesmo nos cantões onde as brechas podem ser colmatadas por meios industriais.

E hoje também, que tudo se planifica, haverá lugar para fixar limites e para entravar destruições.<sup>33)</sup>

Mas, na época distante dos primeiros anos do século, a escassez não afligia, as ameaças de extermínio eram vãs e um comércio opulento, ao serviço duma indústria fabulosa, supria todas as faltas e assegurava, na Europa avançada, que se atingissem cifras de fazer vertigens.

### a) A preparação das grandes batidas

Com método e largura de vistas, o barão H. de Rothschild alargou os seus domínios, arrendou e comprou o direito de caça das vizinhanças, incorporou por aquisição as já extensas propriedades.

Em Vaux-de-Cernay, o grupo de propriedades foi dividido em duas zonas, aliás correntes em França, a *floresta* com certa espessura

---

33) cf. Lei nº 2132, base 36.

e porte, e a *planura*, onde os matos e culturas e paúis alternavam mas desafogados à vista e criteriosamente organizados para o *gibier*.

A primeira era constituída de carvalhos, videiros, choupos trémulos, em largos impenetráveis maciços, cortada de largas avenidas, onde se estabeleciam as portas e as esperas, despontando ali apenas algumas clareiras.

A segunda, além dos matos rasteiros, apresentava culturas apropriadas ao aboletamento dos animais de caça que ainda em cima lhe forneciam alimentação apropriada.

Para povoar, repovoar adensar e acantonar nesse conjunto de propriedades, durante alguns anos, a operação de povoamento e solta foi realizada inteligentemente, milagre que somente a plutocracia explica.

Veio caça de outras coutadas Rothschild, veio dos grandes “criadores” franceses. Encomendaram-se aos fornecedores industriais da Inglaterra, da Alemanha e até da Austria.

Não se recuou diante de nada – era preciso duplicar a população cinegética e obter resultados inconcebíveis. Comprou-se tudo: – faisões-galos, faisoads poedeiras, caça viva, reprodutores, legião de pequeninos animais... etc... galinhas chocadeiras, fornecimentos de criação viva. Só duma propriedade da casa vieram 2 387 faisões; da Inglaterra e da Alemanha vieram ainda muitos mais. Chegaram aos milhares e aos três milheiros de faisões e um milhar de fêmeas. Ovos chegaram aos 10 700.

Ensaçou-se – e com êxito – a reprodução livre dos patos bravos em tanques e albufeiras, o que parecera inédito.

Portanto um esforço bem orientado mas perdulário, de tecnologia avançada mas que contava os custos por milhões<sup>34)</sup>, e que só os milhões permitiam.

A primeira noite foi organizada para uma entrada triunfal, um jantar cedo e várias mesas de *bridge*, em recepção íntima. O prefeito do Departamento entrou pouco protocolarmente e pareceram para ele os foguetes e iluminações, jogadas cedo de mais.

Um caso frequente e que não surpreende... mas uma *gaffe*.

D. Carlos estava hipnotizado com a ideia de batida, famosamente organizada, dirigida e de riqueza promitente. E a noite

---

34) Tem que vêr-se sobre este parágrafo a obra citada de Benoïst e a revista *A Caça*.

não contou apesar dos convivas e do esforço protocolar. Quase não pegou nas cartas.

#### **b) As batidas**

Começaram no dia 8, às 9 e meia precisas. O Conde de Clary conduziu o Rei ao seu posto, assinalado com as armas portuguesas no meio do *tiré* destinado às esperas.

Ficou o Monarca entre o Conde e o Príncipe do Mónaco, no centro da fusilaria.

Além das três grandes personalidades foram distribuídos os postos pelo anfitrião, pelo Duque de Morny, pelo Príncipe Lucinge, pelos Condes de Sousa Rosa, nosso ministro em Paris, e o de Arnoso, pelo Marquês de Breteuil e outros atiradores.

A legião de executores da batida era numerosa – 26 guardas, 60 batedores e 53 auxiliares.

E para se fazer uma ideia da imponência, acrescente-se que, para as deslocações, que andavam por cinco léguas, se recorreu a um número, incrível para a época – de 16 automóveis!

D. Carlos, o Conde de Clary, o Barão caçavam com 4 espingardas e o Príncipe do Mónaco, segundo o seu costume, com duas *brownings*; a cada um, dois carregadores. O tiroteio foi sempre, todo o dia, ininterrupto, assombrando por não despegar.

*Antes do almoço* – verificaram-se os seguintes resultados:

- 1ª batida – 523 faisões
- 2ª batida – 540 faisões e 24 patos
- 3ª batida – 803 faisões
- 4ª batida – 340 faisões e 20 patos

Ao meio dia em ponto, seguiu-se o almoço com a presença das senhoras e dos oficiais às ordens.

Da uma e meia até às quatro seguiram-se as batidas em terras mais limpas e mosaicadas de culturas, obtendo-se também as seguintes peças:

- 5ª batida – 490 faisões e 45 patos
- 6ª batida – 695 faisões e 35 patos
- 7ª batida – 630 faisões e 40 patos
- 8ª batida – 380 faisões e 170 patos

Não se imagine que, para além da resistência e endurecimento absolutamente necessários, a um fogo tão intenso e porfiado, os tiros foram fáceis. Nada disso. O tempo estava, como geralmente sucede

em França nessa quadra, sombrio e cinzento. Durante a manhã, as aves voavam altas e rápidas e o horizonte de grandes árvores tornava o seu vôo fugaz e surpreendente.

A tarde foi mais desportiva ainda.

Os faisões e os patos atravessavam como raios os vales, desapareciam rapidamente nas encostas, os tiros na vertical sucediam-se.

Houve atirador que forçado a um fogo tão nutrido e, de certa altura incómodo, tivesse de recorrer, por fim, aos velhos e pequenos calibres para tal destacados dos armários, essas recordações de museu.

D. Carlos deve ter queimado à sua parte 1 500 cartuchos e cobrado mil peças, como se disse.

Foi o cálculo feito, supondo-se que o Conde de Clary se tenha comportado em termos semelhantes a estes.

*O tableau record.*

Num grande relvado, artisticamente dispostos e iluminados com faróis, tocheiros e fogos de artifício foram apresentados em leque e com arte sem par, e estadearam-se:

8 corços  
1 lebre  
20 coelhos  
1 galinhola  
335 patos  
4 428 faisões

Um deslumbramento que arrancou exclamações a todos.

D. Carlos ficou tão impressionado que resolveu telegrafar a Eduardo VII pois então foram batidos todos os *records* conhecidos. E em questões de número e resultados, os ingleses não cediam o seu lugar a ninguém.

Aquelas aves lindíssimas e rápidas apesar do artifício dos métodos de repovoamento, cumpriram, pois se mostravam bravas e difíceis<sup>35</sup>).

Os atiradores mais reputados puderam suplantar-se a si mesmos. Cada 3 segundos uma ave caía; cada segundo ouvia-se um tiro<sup>36</sup>).

---

35) cf. Georges Benoist, *Grandes Chasses grands fusils*, Paris; *Caçadores reais in A Caça*, VII ano, pag. 69.

36) Relatório do Conde de Clary referido por Georges Benoist, ob.cit.pag.164

Por fim era manifesto o cansaço, a dor de cabeça, o atraso e demora dos tiros mas o desportivismo não deixava tréguas.

Foi único, memorável e poucas caçadas poderão aproximar-se historicamente de tais resultados.

### c) A noite de luzimento

Depois da batida de êxito clamoroso, a concorrência, na noite do *Tout-Paris*, do grande mundo armoriado, das artes e da literatura, sobretudo da parada daqueles que se conhecem e só eles se reconhecem, onde as formosuras e janotas reinam com desplante e indiscutível autoridade – elegância suprema. Deslumbravam as *toilettes*, rebrilhavam e faiscavam as jóias, ressoavam os nomes ligados à história e os nomes politizados. E o sarau coroava a alegria geral e o caso único dos anais venatórios.

Um sócio da *Comédie Française* recitou um soneto, reconhecendo ao chefe de Estado português uma realeza mais vasta – a do desporto, das ciências e das artes, além da institucional.

Os salões ornamentaram-se a primor e acusavam a exuberância e o poder financeiro quase sem limites, nos cristais, porcelanas, obras egrégias dos grandes artistas, os pratos e *vermeils* e as pedrarias orientais.

Noite inesquecível – *éblouissante*, afirmaram. O príncipe democrático do mundanismo elegante parisiense, André de Fouquières conta o que eram essas assembleias de fausto, de extravagância, preciosismo, snobeira, fantasia mundanal. Muito se passava em jantares infindáveis, *vernissages*, danças, comboios especiais, concursos de automóveis, desfile de equipagens – era vida de *panache* – de brilho e brio, à grande e à francesa.

D'Annunzio fala mesmo no dilúvio democrático que tudo dissolveu e subverteu. Mas a lembrança do caso único de 1905, persiste em certos meios.

### d) A contrastar – a parada de elegância do super-janota *Boni de Castellane.*

Dispondo com fantasia dos milhões de dólares da americana com quem casou, o elegantão famoso Conde tentou suplantar o estrondo e sucesso daquela batida

Combinou e organizou o melhor possível – elegâncias, *snobs*, *féerie*, tapeçarias, adorno, um deslumbramento oriental e inexecedível – alguns dias após, apenas.

Mas teve contra si inexorável a meteorologia. Uma catástrofe diluviana – chuva e mais chuva...

As armas voltaram para os estojos e os convidados foram forçados a abrigar-se no *Château*.

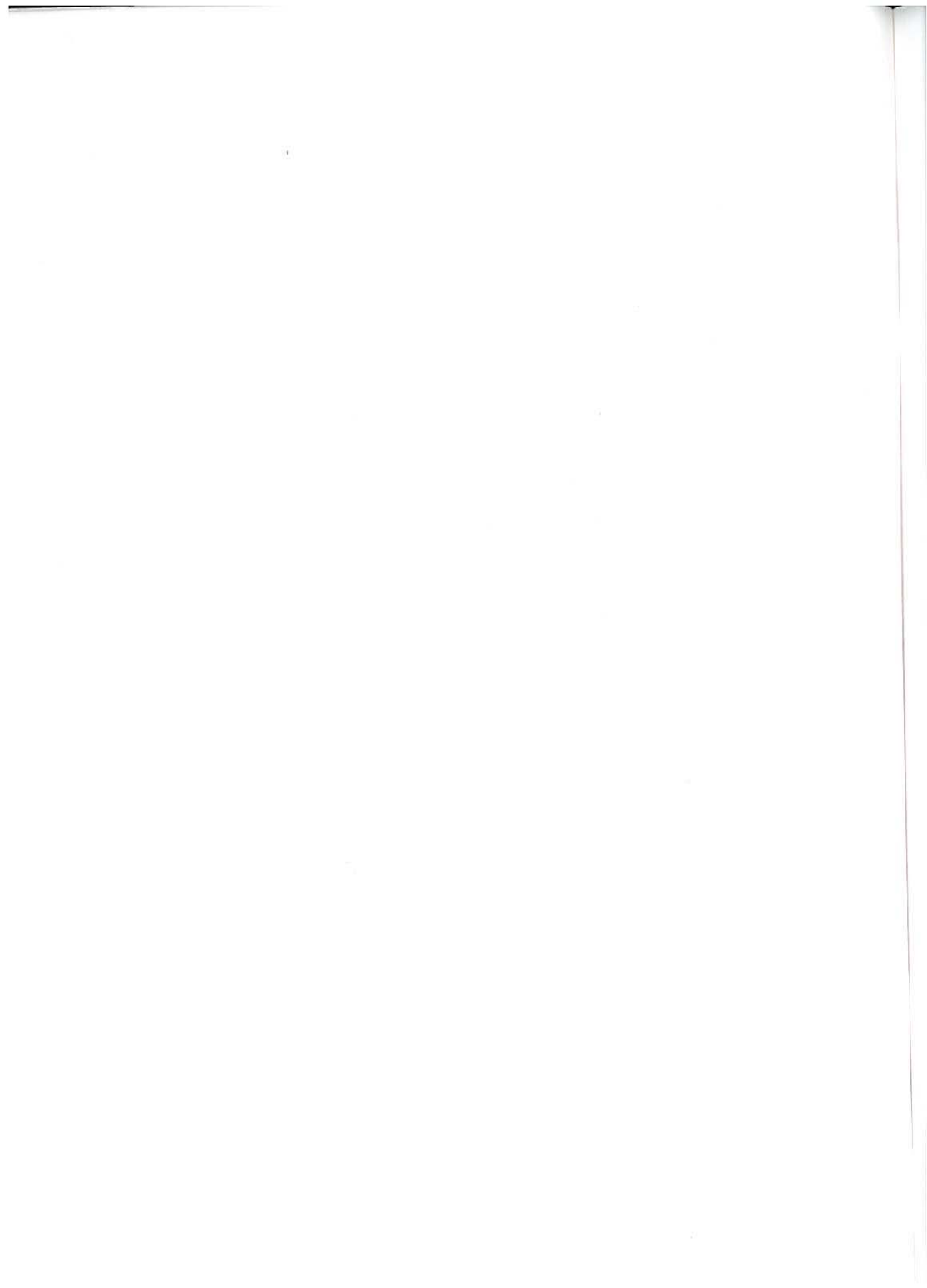
No quadro final animais arripiados e húmidos produziam deplorável impressão e atestavam o desfecho da Jornada – parada senão dramática, pelo menos assaz melancólica.

Quando Deus quere...

BATIDAS FAMOSAS:1)

	Total de Peças	Espingardas	
<u>Grouse</u> – 12 de Ag. 1915 Littledale e Abbeystead	2 929	8	Ingl.
<u>Perdizes</u> – 7 de Nov 1905, Warham, Holkham	1 671	8	Ingl.
<u>Galinholas</u> – 28 de Jan 1910, Ballykine	228	6	Irland.
<u>Narcejas</u> – 29 de Out 1906, Tiree Inner Hebrides	249	Lord Elpine e Mr.Cobbold	

1) Eric Parker, *Elements of shooting* – Londres, 1924, pag. 303-304



## *parte terceira*



### Na linha ancestral

Desde a Idade Média que os soberanos consideravam luzimento do poder real o exercício espectacular e de alta escola de caça, nas áreas privilegiadas pelo direito realengo.

Era próprio dos reis, sustentavam-na pela razão de Estado e tinham-na como prática saudável que descontraía dos cuidados e pesares do trono.

As terras coutadas para o exercício munificente e soberano não tinham conta. Argote de Molina faz um inventário que se pode considerar estendal infindável de reservas reais, em grande parte da Península.

Caçar era próprio de reis, dava prazer, desviava o entendimento dos encargos e responsabilidades, assegurava lazeres e horas de folgar.

Como exercício salutar, desenfado e preparação militar e, ainda por missão representativa, alguns antecessores de D. Carlos praticaram sobejamente a arte venatória.

Somente alguns o fizeram e pouca luz se extrairá daí para ajuizar dos méritos e desméritos do ofício real. Também não se encontra senão ligação tenue e precária entre a paixão de montar e caçar e a tomada de medidas adequadas para regulamentar a actividade venatória em geral e garantir a impenetrabilidade de certos refúgios e coutadas.

Pouco ou nada aparecia ligado com a faculdade legislativa e tudo ficaria à prática regulamentar.

Fragueiro, viciado nas artes venatórias e tomado de paixão absorvente, reza a história que foi D. Afonso IV que por isso mesmo dispensava os cuidados e trabalhos da governação.

Ele não era somente bravo nas batalhas mas caçador indomável que não parava de acostrar – ursos, gamos, zebros e porcos monteses.

Advertindo primeiro, admoestando depois e ameaçando mesmo foi com dificuldade e risco, que os conselheiros do “Bravo” impuseram como comando supremo e irrevogável o ofício de reinar e voltar-se para o bem geral que então se trocava pelas correrias desenfreadas.

Senão não! – regista a crónica.

Apaixonado caçador – pois exagerava sempre – foi D. Pedro I que Antero de Figueiredo pinta com colorido e minúcia, nos seguintes termos:

.../...“à maneira antiga do seu letrado avô D. Diniz. Não. A tudo isto D. Pedro, audaz e braceiro preferia, desmanchado no arçãõ da séla, correr fragas, bater selvas e montados, atacar ursos, perseguir porcos bravos, vêr ardidos sabujos e alãos correr lebres e raposas, cercar veados e, matinando, soltar nos ares nebris e açores – dias inteiros e seguidos, na prática de suas queridas e mui nobres artes de montaria e altanaria, que amava acima de tudo”<sup>37)</sup>.

D. Fernando praticou com constância e entusiasmo a caça de altanaria e cetraria. Fazia-se acompanhar de vistosa comitiva.

Levava falcoeiros a cavalo, outros a pé e moços de monte.

Mandava vir aves de presa de vária sorte, tinha-as sempre treinadas e escorreitas. Eram às dezenas – açores, falcões, nebris e gerifaltes. Queria uma rua só de falcoeiros.

Disponha de matilhas várias e de corredores peninsulares.

Apresava garças e grou, perdizes e até cotovias. Nada lhe escapava<sup>38)</sup>.

Já no final da Idade Média, D. Afonso V, a Rainha e a Corte, quando poisavam em Évora – segundo o depoimento de *messire* Salain, juntavam-se em alegres partidas de caça correndo com ardor nas expedições, tanto de cetraria como de montaria.

---

37) cf. Antero de Figueiredo – *D. Pedro e D. Inês* Lisboa, 1913, pag.23

38) Vide Pero Menino. *Livro de falcoaria*, por Rodrigues Lapa, Coimbra 1931

Nesse tempo, o cantão venatório de Évora se mostrava como hoje denso e privilegiado. Largavam suas aves amestradas sobre corvos e perdizes, acoassavam com as matilhas lebres e gamos e caçavam os javardos, alanceando-os ou crivando-os de flechas com suas bestas e arbaletas<sup>39)</sup>.

D. Sebastião abandonava os cuidados da governação e trocava-os, ardoroso e insofrido, pelos prazeres de correr e montar. Fogoso e sujeito a tensões psíquicas de nada serviam os reparos justos e advertências que o convocavam à governação. Exagerava na sua ferosidade de rapaz e descurava o bem público para correr veados e javardos.

Grande caçador, e altamente, foi o pretendente infelizmente mas estremecido – nunca delatado nem traído – Dom António, Prior do Crato.

Dom Jaime, o 4º Duque de Bragança, esse levou a cabo a organização e circuito da Tapada de Vila Viçosa, famosa no reino.

Cercou-a de muros adequados, ordenou matos e culturas, ajuntou-lhe terras tiradas das herdades ao norte da ribeira de Borba e soltou, povoando-a das espécies aclimatáveis.

## O real divertimento

A ideia de recorrer a umas horas de prazer venatório para distrair das sobrecargas morais do poder e das preocupações governativas mantém-se durante séculos.

Tempos após, escreviam dois *irmãos armeiros*, famosos autores da: *Espingarda Perfeita, 1718*, em homenagem ao Rei Magnânimo, que, pelo visto, atirava com eficiência: “pois nas mãos de Vossa Magestade tem a espingarda os efeitos do raio”.

No exercício, assombrava ou feria e obtinha despojos do seu braço.

A espingardaria de caça aperfeiçoara-se, acompanhava-a trabalho artístico e metucioso, os resultados obtidos superavam os êxitos passados.

---

39) Vide Gabriel Pereira, *Estudos Evorenses, As Caçadas*, 2ª parte, Évora 1892, pag.11

Enquanto entregava os cuidados da governação ao seu grande valido, D. José caçava também com frequência, em Mafra, em Salvaterra, abatendo veados, gamos e corças.

A caça ocupava o dia inteiro.

Merendava-se no campo com a alegria que testemunha a pintura de Queluz – a vida incomparável.

Chamava-se às excursões venatórias – *o real divertimento*.

Mas nem sempre o seria. Pois se conta que a Rainha despachara, de longe, sobre o real consorte uma chuva de pelouros, movida pelo ciume, ao ver certas assiduidades que eram próprias doutras caçadas...

Abandonemos a realeza, por instantes:

*A teoria liberal e igualitária da Revolução Francesa.*

A lei de 30 de abril de 1790 sobre caça é e foi geralmente desconhecida no nosso país e não influiu a nova evolução legislativa, tanto mais surpreendentemente que, a cada passo, se reclama e protesta em nome da liberdade de caçar e da igualdade dos caçadores. Mas os que assim fazem ignoram a teoria e a prática da legislação.

Estabelecia o seu artigo primeiro:

“Fica proibido a todas as pessoas caçar em qualquer tempo e de qualquer maneira, sobre o terreno de outrem sem o seu consentimento, sob pena de vinte libras de indemnização para a comuna local, e uma indemnização de dez libras para o proprietário das colheitas, sem prejuízo de em maiores perdas e danos se recair”.

Esta é que era a teoria liberal e igualitária; em nome dela foi abolido o direito exclusivo de caça.

O nosso direito mantinha-se porém tradicionalmente na construção jurídica do Código Justinianeu – distante e atrasado.

Era uma teoria imperial, apropriada ao domínio de Roma sobre as terras largas e conquistas.

Os animais bravios não tinham dono e correspondiam a abundâncias e zonas imensas de baldios e incultos e às colónias. A propriedade surdida com a ocupação pela captação ou abatimento.

Foi isto que passou para Portugal e para a Itália com as ressurreições jurídicas dos bolonheses, e, assim, se consagraram as intromissões, abusos e as invasões seguidas da devastação e do extermínio, com o privilégio dos urbanos, sobre os desfavores rurais.

Foi isto que passou para o Código Seabra, numa altura em que a abundância de *gibier* permitia sobras e permitia até que se caçasse em todo o tempo. As polémicas, reivindicações demagógicas,

a ideia de património colectivo chocam-se e afrontam a concepção da Revolução Francesa.

As coutadas, zonas livres, baldios, logradouros comuns, as matas e terras abertas assistem à desapareição da caça<sup>40)</sup> mas jornalistas despachados e violentos, no desconhecimento das ideias legislativas e técnicas jurídicas intervêm a cada momento e disparam para todo o lado como se em vez de escassez vivessem no regime da abundância edénica.

Continuemos.

D. Pedro V, melancólico, concentrado, de índole depressiva não obstante a sua viril inteligência, ainda novo gostava de perseguir os porcos monteses das Alcáçovas, Torrão e Viana do Alentejo.

Aposentava-se para tal no pavilhão alentejano de Vendas Novas.

A tropa batia com cajatos esses montados em enorme grita e espalhafato. E o Rei atirava com distinção.

Outras vezes buscava como refúgio apaziguador a Lagoa da Aportiça, entre Almada e Sesimbra. Raramente o acompanhavam mais do que dois veadores da sua casa. Bulhão Pato, que foi caçador emérito, deixou relato desses fins de semana.

Dom Fernando atirava de gosto à caça e com mestria.

Dom Luis era mais – era exímio e entusiasta.

Frequentava as Tapadas de Mafra e Vila Viçosa.

Nesta última há notícia duma batida destrutiva de gamos e veados.

Fez-se acompanhar do Duque de Loulé, Conde de Avilez, Conde de Moçâmedes e Visconde de Reguengo – primeiras figuras dessa época.

Iam cedo para a caça, almoçavam ali, no terreno, pelas onze e meia. Desde Dom João V que os reis e príncipes faziam a sua abertura em Mafra, nessa altura abundante de gamos, coelhos e, na época própria, de galinhas<sup>41)</sup>.

---

40) Um exemplo clamoroso é o Monte de Morais em Macedo de Cavaleiros considerado o *mar da caça* e sujeito ao regime florestal, tendo-se sumido a sua produção.

41) Em 1906 abateram-se ali 831 peças

## O Caçador Simão

### 1ª) A poesia de Junqueiro.

Poesia facunda, hiperbólica de surpreendente musicalidade, grandiosa por vezes, mas revolucionária ou satânica, não recuando perante o pendor da destruição – petroleiro ou surpreendentemente combinando a comuna com a vida rústica. A sua mensagem de melhoria social, riquíssima de expressão, rítmica e avassaladora de imagens, inscrevia-se e ficava com persistência na memória mas deixava esse rasto emocional desarrazoado de negação sobrevivente ou de catastrofismo social. É certo que, em fase ulterior, Junqueiro evoluiu para o lirismo puro e símplice, para o viver brando de Tolstoi, para a saudade e o portuguesismo, uma e outra amoráveis e durienses. O poeta político porém fora antes demolidor institucional e acusador político sem limites, tão pertinaz como enfurecido.

Pouco respeito pela dignidade das pessoas.

Nenhum respeito pelos governantes.

Nenhum respeito pela ordem e pela paz social.

Nem sequer o reconhecimento do *direito à vida e à integridade física e moral*, como mandava a Carta.

Qualquer que fôsse o estro, isto num bacharel em direito acabado de sair dos bancos universitários, onde foram perfuntoriamente versadas as questões de direito público, era demasiado grave. Como desculpar-se?

### 2ª) Os acontecimentos

Morre Dom Luis, a 17 de Outubro de 1889, após pungente e arrastada agonia, em Cascais.

Dom Carlos tinha que acudir para fins políticos e familiares, durante ela, a Belém, às Necessidades e visitar o doente na cidadela daquela vila e sujeitar-se às deslocações inerentes ao cargo e como tais inadiáveis.

Não era como agora com comboios, automóveis e aviões.

As viagens consumiam horas e horas esquecidas. Viviam-se de rumores inconsistentes, de denegrições sistemáticas, de calúnias tecidas para fins políticos.

E assim acusara-se alternadamente o príncipe herdeiro de abandonar o leito da doença e acusou-se depois o novo rei de desrespeitar o luto.

Ele teria ido à caça – antes ou depois? Os boatos urdidos evidenciavam-se como desconcertantes, distanciados dos factos e até contrários entre-si:

Desde os 16 anos de Dom Carlos que o *António Maria* de Rafael Bordalo Pinheiro ironizava o príncipe *José Simão* servindo-se de dois dos numerosos nomes de batismo.

Sabe-se o resto – o Príncipe é proclamado rei, a 19 de outubro de 1889. As Cortes abrem a 2 de Janeiro de 1890. O Ultimatum maquinado por Petre – Salisbury deflagra a 11 de Janeiro de 1890, sacode e contorce os políticos, causa estupor na maioria silenciosa e entontece as massas urbanas.

Mas esqueciam-se as grandes partilhas colonialistas urdidas em Berlim por 1885, onde só as três grandes potências, talharam para si a totalidade do bolo. – Só então se deu por elas?

A Inglaterra expande-se fiada na sua frota de guerra, no exclusivo das comunicações por cabo submarino, nos jornalecos de manobra e nas alianças duvidosas com as mangas de pretos – à procura das minas de ouro e duma faixa ininterrupta do Cairo ao Cabo, por onde correria o negócio, as matérias primas, as libras e a avidéz calculista!

A poesia panfletária, violentíssima, *O caçador Simão* vem datada de 8 de abril de 1890, bastante tardia, em relação às diligências diplomáticas e à intimativa feroz dos ingleses.

Faz parte do *Finis Patriae*, de 1891 e vê-se avizinhada porém da famosa invectiva – *À Inglaterra*.

A pátria é dada como morta.

E o seu leito agónico – são as escolas em ruínas, os operários em pocilgas, os hospitais como latrinas e as cadeias como covis. Fortalezas e monumentos dados ainda como arrasados. Cincoenta anos a seguir vão mostrar que tudo pode melhorar-se mas que as declamações continuam.

- Mas a pátria morrerá? Como assim?
- O fomento não começara 40 anos antes?
- A economia industrial não aparecerá a obter melhorias salariais e de alojamento e desenvolvimento geral?
- E os que lutavam ardidamente em Africa, com destemor até à heroicidade, acreditavam no eclipse da Pátria?
- Então esses não davam ao menos sinais de vida?

### 3º) O caçador Simão

*O caçador Simão* – cantar de escárneo e de mau agouro.

*O Finis Patriae*, contém como Introdução uma série de excertos de Oliveira Martins contra a herança do Condestável, contra a diplomacia da Restauração (!), contra o que se chamava protectorado inglês, contra o absolutismo, contra os desperdícios e contra a Família dos Braganças; vituperava a ida de Dom João VI para o Brasil (!) e concluía, que as fraquezas governativas tornavam timorato o povo que, levado por outros condutores, se mostraria enérgico. Seguiam-se as 38 páginas de *Finis Patriae*, que deram nome ao livro, nos termos atrás sintetizados, mas que terminava numa exortação militar à mocidade das escolas – para não morrer; para reviver!

No entanto relegando os que se batiam, os realizadores, os homens construtivos da economia pública e privada, os técnicos juristas das construções legais.

Esta parte última tinha data de 8 de dezembro de 1890.

Note-se porém que tal primeira parte precede o Ultimatum pois vem datada desse 8 de dezembro de 1890. A segunda parte engloba-a.

– *O caçador Simão* vem datado de Viana do Castelo, de 8 de abril de 1890.

– E é seguido pelo fragmento: *À Inglaterra* datado este de Fevereiro de 1890 mas sem localização.

*O caçador Simão* que é dedicado a Fialho de Almeida – dá o novo rei como indo à caça quando o pai está moribundo, no luto geral, na Pátria agónica e vilipendiada (sempre a mesma propensão obsessiva na morte colectiva; no fim da liberdade metafísica.)

Um papagaio real responde à pergunta: “quem vai à caça?”

Vai, primeiro, “o Príncipe Simão” e vai, depois, três vezes, “El-Rei D. Simão; – que vai à caça”.

Para afirmar que se revolvem as cinzas dos heróis, os seus monumentos são dados como guarnecidos da infâmia actual.

Chega por fim a tese catastrófica – não política mas sim colectivista, prevendo também o desabar do trono.

Irrompe a multidão sem freio, explode o trono e, perguntado o papagaio real “quem passa” ainda, responde:

– *É alguém, é alguém que foi à caça do caçador Simão.*

Portanto – revolta geral, toques militares – a Marselhesa, em vez da Portuguesa – e a montaria ao Rei novo, acossado logo como animal bravo.

O pregoeiro da morte da Pátria é também o pregoeiro da morte do Rei e da Monarquia.

Mas a pátria era imortal....essa ao menos.

O Rei e a Monarquia vieram acabar de mãos dadas.

#### 4º) A interpretação satírica de Rafael Bordalo Pinheiro

Sobre a tragédia – a caricatura.

Com a sua veia satírica, desenhando ao *crayon*, Rafael Bordalo, engrinaldou e publicou a versalhada funesta.

Lardeou-a de 4 papagaios, alternando com macaquitos, pendurados em ramos de carvalho. Deu a fortaleza sombria e os sinos dobrando, com um cortejo.

Caçadores a cavalo e a pé, feiocos e caricatos, ostentam o apêndice simiesco.

Há mãos crispadas para o alto ao lado dum porta-gládio, clarins soam e – dominado – um macacão de largos maxilares e dentuça vem coberto por um barrete frígio.

Convém explicar que o *Punch* londrino reduzira o nosso país à imagem dum pequeno sagui, barulhento e fardado (*little Portuguese*). Portanto, Rafael Bordalo publica os versos e, com excepção da mancha lutuosa, troça e ironiza todo o resto.

Mas dar como saída, à poesia revolucionária, um macacão de barrete frígio parece apto a proclamar que as fulminações bíblicas não se devam tomar tanto pelo lado trágico.

Infelizmente, não sucedeu assim.<sup>42)</sup>

#### 5º) A concepção junqueiraiana.

O conceito de Junqueiro sobre o incidente, verdadeiro ou inventado, não é inteiramente desportivo.

---

42) Sobre a poesia famosa, Vide – F.A.de Oliveira Martins, *Oliveira Martins e Guerra Junqueiro* Lisboa, 1963 (separata do Ocidente); Pierre Hourcade, *Guerra Junqueiro* Paris, 1932, pag.48 e 171; Amorim de Carvalho, *Guerra Junqueiro e a sua obra poética*, Porto 1945, pag.239; Lopes de Oliveira *Guerra Junqueiro, a sua vida e a sua obra II*, pag.171 e 249.

Jesus Pabon, *La revolucion portuguesa*, Lisboa.

Fortunato de Almeida *História de Portugal*, Tomo VI Coimbra, 1929, pags. 415 e segs. e 479 e segs.

A sua ideia já inactual, a de que a caça se mostrava um divertimento escandaloso, a dum folguedo insofrido e indigno, a dum vício reprovado e censurável, desrespeitoso da doença e contrário à saude diverge dos escritores da especialidade.

Não era pois o *desenfadamento* mencionado em Fernão Lopes.

Não era um desporto saudável de evasão urbana, para as terras lavadas do ar e do sol.

Não era a *ocupação louvável* e o exercício puro que referia Camões.

O poeta arremetia na política violenta de acusar sem medida o monarca incipiente que não mostrara ainda as suas faculdades.

Ora o protocolo do rei que sucede encurta sempre e até se interrompe segundo a necessidade. Assisti com o saudoso Feliz de Carvalho a uma reunião da *Liga das Nações*, em Madrid, onde se encontraram Stresseman e Briand, nos terraços da Armeria, do Palácio de Oriente. Dançava-se, dançavam as Princesas.

Afonso XIII tivera que interromper o luto, poucos dias após a morte de sua mãe, a Rainha Cristina.

Na América não está sujeito a luto a frequência do cinema e dos estádios.

Não isenta de sonoridade e rica de imagem, a poesia de Junqueiro, não surdia *baudelairiana*, via-se amotinadora, ressoante mas perfilhando desprezo por todas as regras. Parecia um *Western*, destes dagora, incitando aos disparos, como solução imaginosa, como trama literária, na crueldade e violência.

## 6ª) O chamamento da horrível companhia

A pena de morte como direito revolucionário de execução imediata procedia do Terror, não estava porém nos nossos hábitos nem se acomodava às branduras portuguesas. Culpar o jovem rei com 3 meses de governo pelos devorismos e disfarces da política inglesa, o mesmo era que assacar-lhe responsabilidades que pertenciam a muitos, que até pertenciam a todos.

Funcionavam as Cortes, mudara o governo, o poder moderador – que não pode teoricamente errar – não arcaria com o peso que a governantes e governados pertenciam, e os panfletários não estavam inteiramente isentos, por isso mesmo.

Infelizmente, as profecias à Ezequiel do poeta, acabaram por mostrar que se confundiriam as malevolências com as realidades.

Página hedionda que nos degradou, perante o concerto das opiniões espalhadas pelo mundo e que a custo se foi delindo e murchando perante o esforço prodigioso das gerações seguintes!

A horrenda profecia em verso sonoro cumpru-se mais tarde com temibilidade insuspeitada.

O Rei foi assassinado com seu filho mais velho, pelas costas e à traição<sup>43</sup>). Não foram caçadores os homicidas. Foram atiradores à bala que, para fins políticos, se aperfeiçoaram, na carreira de Pedrouços, no tiro da arma de guerra.

Os que pretendem impor uma inovação política fazem largo desconto de isenção à lei punitiva.

A explosão de ódio levada até ao crime, o delírio e a fúria dos homicidas, o desprezo pelas leis divinas e humanas, atestam que a megalomania política, não corresponde ao cavalheirismo e à humanidade de que deram provas os povos caçadores.

Caçar era uma liberdade inicial para todos e que não se podia recusar ao rei.

Bem estranho portanto que liberais com tinturas progressistas, o profligassem, em vez de discutir.

Ortega y Gasset disse dever tomar-se a caça como distracção e não como divertimento. O conceito implícito na diatribe de Junqueiro não era desportivista.

Os factos mencionados, nos meios elevados e políticos, foram dados como boatos sem consistência apenas.

Mesmo verdadeiros, não possuíam significado pejorativo.

Outra coisa era a diatribe medonha para deitar abaixo, para demolir, para arrasar – não ficando pedra sobre pedra.

Reclamava-se em nome dos direitos do luto e gracejava-se a seguir com a morte.

Considerava-se a caça ao homem como uma legitimidade revolucionária, com desprezo do direito natural de existir e até do direito à honra.

A outra caça seria, porém, escandalosa. Procurava-se arrasar as instituições, abalando os cargos e as funções apenas pelo vitupério e o opróbrio das pessoas humanas neles investidas.

---

43) Vide Lombroso e Lashi, *Le crime politique et les révolutions*, Paris, 1892.

\*\*\*

Dobremos esta página sombria, crocitante, que para atenuante do autor e da literatura, era fruta do tempo e reflexo de outros arrebatamentos e que obtinha lisonja nas oligarquias políticas e revolucionárias; lampejo duma filosofia árida e secante, onde a demolição pre-revolucionária apenas contava, pouco se dando da hipótese que havia de vir mais cedo ou mais tarde.

### A tese de Fialho de Almeida

Foi Fialho um notabilíssimo escritor impressionista, de pena sem compromisso, abrindo lugar muito seu no campo das letras, e de espantosa capacidade; irregular talvez, mas onde o talento cintilava sempre e que, autorizado pelas suas frequentes críticas, se encheu de autoridade e razão para verberar os homicídios e os seus sonsos mandantes, fazendo a exautoração do crime, do mesmo passo que empreendia a defesa inteligente do Rei Dom Carlos, a quem muitas vezes não poupara, nos *Gatos* e outros escritos.

Numa série de páginas vivas e ricas de conteúdo – no *Saibam Quantos* – expôs uma tese que deve ser lembrada.

Damos a transcrição do essencial: “e enfim exagerando um pouco a mania dos *sports*, o que até certo ponto havia utilidade num país onde ainda há pouco a ginástica era uma coisa só aconselhada aos acrobatas.

“O seu furor pela caça?...

“Mas quase todos os príncipes o têm, e até por imitação, certos presidentes da república, que são monarcas a dias – pois na verdade o que hão de fazer os reis, *los de verdad*, senão cevar em coelhos e perdizes as suas ancestralidades fogosas, com que a sua proveniência de castas guerreiras lhes trabalha o sangue...”

A tese de Fialho, se vejo bem, é a de que o Rei tinha pela caça uma paixão desmedida mas desculpável, por ser herdada. E esta sobreposição do sub-consciente vinha da alma de seus avós, chefes militares no campo e como tais combatentes históricos. Esta ancestralidade estaria ultrapassada pois as lutas do tempo eram, sobretudo, plutocráticas – da bolsa e da banca – resultantes da óptica do dinheiro absorvente e dominador que regia e rege ainda. Vejamos:

A hereditariedade assinala-se principalmente na formação e expansão do espírito. Claro que há conhecimento de famílias de

escritores e de homens de letras; linhagens de pintores e de teatrólogos mas em termos medidos.

Havendo povos caçadores já se não pode dizer que haja famílias de caçadores a não ser por excepção e que todos os soberanos ponham o mesmo afã nas artes venatórias e uniformizem a tendência.

De vez em quando caça-se, não por instinto, nem por gosto do mister, mas por protocolo ou por companheirismo.

Todos os presidentes franceses – melhor ou pior – caçavam em Rambouillet. Somente De Gaule fazia excepção.

A política está também longe do instinto e da descontração do ar livre. Caçar por atavismo, caçar como impositivo da evolução, por herança transmitida aos descendentes parece que é generalizar com demasia ou ir longe.

D. Carlos caçava com gosto, com paixão, vamos, mas o seu irmão Dom Afonso abandonava o mato e não mostrava, na caça, qualquer satisfação. Já assim não era relativamente a touros....

Creio que não se pode afirmar que o nobre padrão de “atirador a ponto” lhe vinha simplesmente da linhagem real.

Se assim fosse não se daria esplendidamente a outras predilecções e seria um prático tendencial que caçaria apenas por caçar e abandonaria tudo o mais.

Caçar por gosto, predominantemente que seja, não é caçar por atavismo.

E se os seus avós montearam, acossaram a cavalo, ou dispararam, não o fizeram com constância nem por herança apenas. Alguns foram alheios.

O caso Dom Carlos foi singular e desprovido de liames e das sujeições ancestrais.

Em todo o caso, o assunto deve ser visto em detalhe sem conceber que o exercício venatório foi tido como preparatório do uso das armas, adestramento físico, evasão dos cuidados governativos e do peso das representações a protocolos estritos.

O que se acaba de mencionar sobre caçadas reais não chega para acreditar a tese instintiva de Fialho de Almeida.

O Rei Dom Carlos foi um dos grandes caçadores – a mais famosa espingarda do seu tempo – porque era mais que brilhante. Misturou o entretenimento com a diplomacia, criando amizades e admirações com consequências políticas; obtinha com naturalidade o primeiro lugar, sem ter que pôr o chapéu para ser distinguido por D. César de Basan.

Outra coisa era o regresso aos prazeres simples que a Natureza oferece, a descontração, a libertação momentânea das agruras do poder e da representatividade. Essas, sim, vinham do profundo das idades, pelo regresso à vida intensa e extensa mas completavam o paisagista e davam novos motivos ao seu lápis.

### Atitudes e interpretações

Nos últimos anos, sem embargos das férias em Vila Viçosa, das visitas oficiais e de alguns tiros no exercício venatório, Dom Carlos começou a mostrar menos *entrain*, quedou-se de entusiasmo, apresentando, aos olhos de muitos, como que inesperado alheamento desportivo e em reuniões mostrava sem disfarce distanciação e indiferença, senão calma absoluta. Que se passaria?

As suas preocupações seriam crescentes. Mas corava porém com frequência, parecia enleado diante das multidões – ele o grande senhor tranquilo. Fotografava-as às vezes.

Parecia assim retraído e até ausente nas recepções e cerimónias – sempre no entanto entusiastas. Comia pouco mas apressadamente, bebia com sobriedade, fumava é certo com demasia – seguindo sanguíneo, pletórico, mas ao exercer ainda os desportos favoritos fazia-o sem o ardor doutros tempos.

Engordava sempre e a cor afogueava-o para o tom violáceo.

Continuava comunicativo, belo cavaqueador, cheio de interesse, de tom e de bonomia, e, sem escolha, deferia atracção aos que ficavam perto.

– Enfadado?

– Enfadado da multidão, dos negócios públicos, das distorsões sabidas, dos enredos sempre insidiosos, daquilo que pressentia ou intuía – um cortejo de malevolências e adúlterações?!

– Criara por fim um complexo de distanciação ou era o entenebrecimento precursor do crepúsculo?

O Rei morreu com 46 anos.

Hoje ainda se discutem e analisam tais comportamentos, perante a desconfiança e hostilidade que rodeiam a cátedra e o mestre, a tribuna e o político parecendo sempre prestes a explodir erupções contestárias – o que era dantes comunicação, fogo sagrado, colaboração, tornou-se em desordenadas manifestações que vão do desfeiteamento às pequenas perturbações anarquistas.

Quem vê, pergunta – onde será conduzido? E receia pelo ensino preopinado, pela lição, pelo saber necessário à construção social e à reforma dos males crescentes. E mais ainda pela condução dos povos para mais altos objectivos.

Enfadado?

Assim o *prince charmant*, na força da vida, na meia idade, pela exigência do sangue dos antepassados viu-se convertido num adiposo, perdida a elegância e a figura do desportista agora acrescentada em peso.

Isto não chega para explicar o seu enleio. Perdia a presença, derivava as descontrações para a roda de amigos fiéis?

Apenas?

Os portugueses não eram avessos, no geral, à gordura e um grande homem largo e tranquilo parecia estar consagrado nos padrões das mais altas representações.

Mas vieram as hermenêuticas permissíveis e as sornas, vieram as interpretações políticas e classistas.

Fialho numa defesa, aliás brilhante, viu-o – “bisonho, aborrecido e duro” com que usava estar em público.

Unamuno chegou a dá-lo como “envergonhado diante do seu povo”.

Bruno – que era êle próprio do tipo mostrengo – não hesitava em proclamá-lo como antipático.

Mas Bernardino Machado louvava o seu exemplo pelo enrijamento físico; louvava também o intelectual, o pintor apreciável para entrar depois em restrições e condicionamentos de ordem política<sup>44</sup>) de certo modo compreensíveis.

Estes depoimentos chegam.

Não me é lícito transcrever depoimentos de deputados monárquicos, beneficiários com demasias e que se referiam em tons soezes e sem reбуço ao Rei e à Família Real.

A polidez perdia e a truculência regressava. As palavras que corriam, soavam contundentes e corrosivas, explorando estes temas.

---

44) Vide Miguel Unamuno *Por Tierras de Portugal y de España*, Madrid, 1964, pág. 29 e segs. (onde desponta a acrimonia do castelhano, na incompreensão do fenómeno do portuguesismo); Fialho de Almeida, *Saibam Quantos*, Lisboa 1911; Bernardino Machado, *Notas dum pai*; Luis Montalvôr, *História do Regime Republicano*, Lisboa.

A psicologia política parecia desconhecida ainda. As multidões adoravam impérios e assimilavam as críticas de escada a baixo.

Eram informes e trabalhadas apenas por opositores ao regime, à ordem tradicional e negativistas.

Não eram consentidas nem explicações, nem defesas.

Os ataques permaneciam sem resposta nem fronteiras.

Os jornais, as ilustrações, as revistas ataçavam o fogo da mordacidade e da oposição verrinosa.

O Rei, a Família Real podiam ser ultrajados, aviltados, enlameados que o governo, os políticos, os beneficiários que plebeiramente se chamam “tachos”, não mexiam um dedo.

Não era com eles nem com o partido.

Os sagrados princípios – ao abandono.

Os respeitos pelos direitos humanos – nada.

E o governo? O governo ignorava ou fingia desconhecer porque o seu código consistia em deixar andar e admitir ou fazer-de-conta que nada de importante se passara.

Que fazer?

Alardear a indiferença superior dos *snobs*, dar ao desprezo incorrecções e desmandos que a si mesmos se condenavam?

Esperar pela justiça tardia do povo?

O povo fragmentado, dividido pelas facções, abalado das técnicas revolucionárias e subversivas, hipnotizado pelos *meneurs* timbrava em ouvir e repetir o pior, crescia em hostilidades injustas e, só por acaso, vibrava com as notícias gloriosas que vinham da Africa ou que contabilizavam ganhos indiscutíveis da nossa diplomacia.

Só o grande Brasil e o desenvolvimento da Africa portentosa, regada de sangue mais que generoso, deferiam justiça e ostentavam conceitos e vistas, sobrelevando a pequenez e a ambiguidade das opiniões feitas.

Acreditamos numa inferioridade momentânea, perante multidões inorgânicas, contestatárias e divergentes mas não pode admitir-se o sobrepeso duma responsabilidade para quem, até ao fim, luta pela suplantação da crise do Estado e pela obra pura de reconstrução e saneamento dos males indisfarçáveis, corroendo e alastrando à sua volta a atmosfera social.

– Não seria o cansaço aparente dum cargo supremo de coordenação de fios tão retesados, dispersos nesse emaranhado, nem o fastio dum exercício que não correspondia às galas douradas

tradicionais? Isso não acertava com o homem forte, pletórico de inteligência, de comunicação, afável que, por ofício, devia procurar o bem de todos, o que corresponderia fatalmente ao seu bem.

Timidez, enleio, quase receio, contracção?

Traumatismos morais cruéis e injustos para uma consciência como as demais, sujeita aos venenos literários, que vestiam a sedição, as proclamações polvorosas dos políticos, só ambiguidade e ambição; os ataques insultuosos de que se vestiam os demolidores, manobras de amotinadores descarosáveis que, pela insistência, procuravam abater sem piedade o homem de Estado.

Dom Carlos foi a vítima constante e certa desse fogo endemoninhado que não consentia nem tréguas nem descanso – pretendia-se roubar-lhe a paz de espírito, instilar-lhe a dúvida dos princípios mais caros, desencadear novas vagas de ataque para minar todo o terreno e não dar possibilidades de defesa, enquanto o grande incêndio da malevolência, subia e alastrava.

Criou-se assim um psiquismo de náusea, um aborrecimento aparente, uma serenidade contrafeita, acorrentada à falta de perspectivas animadoras.

Era cedo ainda.

Era cedo ainda não obstante haver construções jurídicas ideadas no sentido dum Estado apaziguador e reconstrutivo, justiceiro, de felicidade mais que platónica. Era cedo ainda para vencer na luta saneadora para reformar valorosamente, dar à Nação as certezas que só os seus grandes e reais valores propugnavam e reconduzir o país pelo caminho directo da salvação e bem geral.

A morte – a horrível companheira – espreitava.

A fina sensibilidade, o jeito na arte dos belos espíritos, o homem de Estado de padrão antigo, foi um nacionalista combatente e prematuro – no meio dos politicismos polémicos, das ambições travestidas; no meio dos braços cruzados e duma geração, onde as palavras sonoras contavam mais que o bem servir.

Tinha-se pois tornado assim.

O engrossamento da figura, o sanguíneo acentuado, o enleio, o retraimento, o seu quê de aparentemente comprometido, iam sem remissão distanciá-lo das massas e fornecer um factor político de desintegração, sobretudo virado não contra a figura mas no fim de contas contra o cargo moderador.

## Partidas de caça em Vila Viçosa

Além da Tapada de Mafra dispunha a Família Real portuguesa da Tapada de Vila Viçosa. Esta estava integrada no morgadio ducal, considerando-se património do príncipe herdeiro.

E era famosa pelos seus pinheiros, chaparraís e azinhos, estevas e matos. Iniciou-a D. Jayme, como é geralmente sabido.

Engrandeceram-na os duques seus sucessores, D. João I, D. Teodósio II e, por último, o que foi o rei D. João V.

Tinha e tem um circuito de 15 quilómetros perfeitamente murado, dispunha de casas, pavilhões, jardins e hortas, igreja e capela, viveiros e aviários.

Contam por poucas, mas famosas, as Tapadas deste país – a Torre Bela dos Duques de Lafões, em Alcoentre, a Quinta do Sande do malogrado Sr. João Fernandes; a quinta das Lapas dos Taroucas, do saudoso Titó; a Tapada Real da estrada Penafiel-Porto; a do Zambujo de Arraiolos, onde existia amontoamento de animais cinegéticos, e a Herdade do Azinhal dos Baraonas.

Com Mafra, entre elas, se destacava a de Vila Viçosa, celebrada por Lope de Vega, mencionada pelos cronistas e, em começo, rica e densa de veados, gamos e javalis. Muitos troféus adornam ainda o grande comedoiro do Palácio.

Servia de refúgio, de passeio, de lugar de *pic-nics* e proporcionava horas e horas de caça e de digressão.

Comportava guardas, couteiros e porteiros, em número imponente.

A Família Real vinha a Vila Viçosa por vezes na Páscoa e começo do verão ou então na época de caça, de Janeiro até aos primeiros dias de Fevereiro. Dom Carlos distribuía o tempo entre a lavoura, os tiros aos coelhos e as batidas.

Viam-no de jaleca debruada de bolsos verticais, cinta, camisa sem gola, chapeirão alentejano, ou *mazantini* cinzento, safões de pele curtida e polainas.

Montava um cavalo luso-andaluz, branco, pesado.

A Rainha arvorava *toilettes* simples ou de risco andaluz e, algumas vezes também acompanhava o Rei, envergando o traje alentejano.

Os príncipes, um primor de elegância.

Os senhores luziam porém blusas inglesas, casacões com bolsos de raglan, casacos com *martingale*, meias escocesas, chapéus



*D. Carlos I, a Rainha D. Amélia e Filhos, D. Luis e D. Manuel em  
trajos de caçador alentejano.*

tiroleses, bonés de Haymarket. Os tons predominantes eram esverdeados, acastanhados, cinzentos sombrios ou folha morta, para se confundirem com o mato. Havia variedade de abafos – *mac-farlanes*, *pélérines*, *dejebalas* marroquinas e até *ponchos* mexicanos, *capotes* alentejanos e *capas* à salamanquina.

Surgiam os primeiros *waterproofs*, de borracha, é claro, por esses tempos.

Os convidados vinham em turnos como amigos do Palácio e de seus donos.

Entre eles – Conde de Arnoso, Conde da Penha Longa, Hugo O'Neill, Brandão de Melo, Condes de Tarouca e Figueiró, de Castro Guimarães, das Galveias, Francisco Figueira, oficial às ordens, o médico D. Tomás de Melo Breÿner, D. Vasco Belmonte, o Conde de S.Lourenço, o administrador da Casa, Charter de Azevedo, o fotografo Capitão Pinto dos Santos, D. Fernando de Serpa e poucos mais.

Diplomatas – o Soveral, o Sousa Rosa e Barbosa du Bocage.

Políticos – apenas o Wenceslau de Lima ou algum membro do governo mas com pequena demora!

E ainda – o Infante D. Afonso, os Marqueses de Castelo Melhor, os Marqueses do Fayal, o Visconde da Asseca, Marquês de Lavradio.

E Mousinho de Albuquerque, o grande, o trágico Mousinho, a quem algumas batidas foram dedicadas, merecidamente.

Mas a despeito da riqueza nativa, todos os anos havia queixas de insuficiência. A caça declinava. Porquê?

– Falta de fiscalização e defesa; as galinholas chegam tarde; as perdizes eram menos do que se julgava; as rolas e os pombos não entravam. Poucos coelhos, menos lebres ainda...

Os *tableaux* iam baixando.

Mas são joviais as partidas matutinas, cheias de esperança. Os carros alentejanos, os grandes *char-à-bancs*, os churriões rumorejam a caminho da Tapada, onde os gamos, veados e corças vão rarear ainda. Não faltavam os coelhos e as batidas prolongam-se por 4 dias.

Em Janeiro de 1904, chega Afonso XIII conduzindo um imponente *Hispano-Suiza*, apenas para digressão cinegética; apenas...

D. Carlos organiza, dispõe e comanda, veste à portuguesa.

Afonso XIII, de polainas claras, de fato leve de talhe inglês e de boné. Couteiros e batedores fazem exército de 200, fardados a rigor.

A Rainha vestida à espanhola aparece ao almoço, ou acompanha-o à espera, numa porta da caçada.

Resultados pouco frutuoso – em 3 dias 74 peças das quais 8 gamos.

Assim – de ano para ano – as caçadas resultavam menos, fugiam os coelhos para fora, minando os muros, as perdizes saíam também para não voltar ou eram apanhadas pelos furtivos. Muitas aves e animais de rapina se estabeleciam na Tapada para as conhecidas depredações.

Aproxima-se a tragédia histórica. As últimas batidas em Vila Viçosa de 7 a 31 de Janeiro de 1908 deram os seguintes resultados:

- 4 gamos e 1 gama
- 114 perdizes
- 40 galinholas
- 60 tordos
- 1 pombo
- 1 092 coelhos
- 3 raposas
- 58 diversas.

Ao todo – 1 373 peças em três semanas.

O que deixamos escrito leva a reter um ponto.

O Rei separava – decerto com intenção – as visitas das entidades políticas das reuniões estabelecidas de divertimento cinegético.

Separava o desenfadamento, o prazer de armas na mão, o desporto, para o qual convidava amigos muito seguros e familiares dos astros momentâneos da política partidária, tão agressiva, crítica como irresolúvel, na crise que se advinhava, já, dupla da realeza e do Estado.



## parte quarta



### Introdução

#### Sociologia da caça

Sobre o mundo deste livro já o sol dobrava a curva dos montes e entrava no ocaso e as espessas sombras da noite caíram delindo e distanciando as recordações... mas um mundo que parecia de intenso e extenso existencialismo e despreocupado é onde as desintegrações sociais e as tragédias políticas surdem.

A tecnologia, a demografia, a controvérsia, a literatura misoneista blasonaram de fazê-lo feliz, mas as virtudes sociais da comunicabilidade, da polidez e do requinte desceram à semelhança dos cardos e das ervas daninhas.

E não é menos significativo que, em certos países se considere a caça como actividade profissional.

Na edição Larousse, da *Chasse*, F.Merveilleux de Vignaux dá-nos uma definição aceitável – da caça em si mesma – ela será a rainha dos desportos, lugar deixado ao instinto primitivo de luta pela vida, gosto pela destreza e pelo risco.

Entretanto na literatura copiosa onde tais assuntos são ventilados encontram-se postas algumas questões que convém enumerar e referir sucintamente, partindo destes conceitos.

E são estas:

**1º) Será a caça apenas uma sobrevivência dos tempos primitivos?**

Diz-se: o homem caça para a economia de subsistência. É auxiliado pelo seu amigo fiel, o cão<sup>45)</sup>.

Banqueteia-se com os resultados mas dá ao seu servidor, os restos. Sociologicamente, existe pois inadaptação – porque de momento – se regressa ao primitivismo.

Ora bem, através das idades, a caça apenas prossegue e continua, não existindo retrocesso, nem técnica nem socialmente.

A sua arte aperfeiçoa-se tecnologicamente porque a riqueza das suas colheitas podem melhorar e acrescentar-se com a economia industrial, em desenvolvimento. O caçador pode ser um representante, um continuador mas tanto a sua actividade como o campo de acção e os despojos renovam-se e diversificam.

**2º) Não será por isso mesmo apenas um jogo de andar a monte?**

D. João I assim lhe chamou com o intuito de considerar a montaria um desporto do seu tempo.

Mas há-de ver-se considerada como coisa diversa e de utilidade discutível, no nosso tempo?

Como actividade aleatória sem finalidade útil e apenas capaz de preencher horas vagas?

Supomos que não.

Porquanto a vemos capacitada para revestir novas formas de exploração agrícola onde, acertadamente conduzida valoriza solos ingratos, assegura rentabilidade inesperada e produz novas satisfações a acrescentar às tradicionais.

**3º) A despeito disso, sem ser um regresso, não se baseará numa impulsão instintiva, desajustada dos esforços coordenados de melhoria?**

O caso tem sido objecto de exame desde o sub-consciente às maiores alturas do eu.

---

45) Camões chama ao cão-de-caçador – sagaz e ardido, Canto IX, 74, Lusíadas.

Caçar-se por atavismo será pouco de aceitar. Muitos o fazem para se libertar dos condicionalismos e prisões da vida moderna, entrando nos restos dum mundo bravo correndo ao que parece para um estado de libertação e de contracção urbana. Diante da sua possível presa, o caçador esquece tudo, casa, desgostos, perspectivas, cuidados nobres dum espírito quando cultivado, anotando-se que o praticante fica sugestionado e alheio a tudo o mais.

Todavia como arte especializada, como exercício aperfeiçoável, a caça de hoje requiere e exige conhecimentos, temperamento, auto-domínio.

Tem pois limites, obedece a riscos e cânones que não cabem no obscuro domínio de cada um e cujas facetas sociais se acentuam.

**4º) A caça não será apenas uma actividade de descanso, um lazer bem preenchido, um complemento razoável da vida intensa?**

Implicando dispêndio de energia, deslocação, apuro de certas faculdades, ela corresponde a uma organização de vida mais intensa e corresponde também ao avanço do homem sobre o cantão que resta da natureza bravia mas em que se acharam e cabem novas formas tecnológicas e uma dimensão mais que complementar.

Fiquemos por aqui.

Hoje surgem ainda dois prismas novos que merecem referência e que caracterizam as condições de actividade e de bem estar das gentes.

Há anos que se fala – e algo se tem imposto em seu nome – na *democratização* da caça.

O que era uma situação de privilégio e um direito feudal, se tornou uma aspiração maciça, das legiões citadinas e das populações fabris.

Todos se poderão munir da carta de caçador e dum tipo de licença de caça.

Porém corre-se deliberadamente para o extermínio e para o aniquilamento dos animais caçáveis, onde já se vêem mais caçadores do que peças a que atirar.

– Até que ponto será justo que as propriedades agrícolas e as culturas sustentem o que pode ser presa do primeiro? Eis novo problema.

E, sendo assim, há que contar com os riscos inerentes e as depredações revoltantes. Como passar da economia de abundância à economia de escassez e de raridade?

Mais recentemente corre mundo a noção de *caça desportiva*, a qual seria apenas logicamente permissível ao caçador individual com cão diante de si. Haveria contracção e difusão em vez de forma expansiva.

Esta noção se não é arcaica mostra-se retrógrada, pelo menos.

E estas notas analíticas sucessivas mostram a encruzilhada em que os problemas são postos, a deficiência dos estatutos legais e a necessidade de protecção jurídica rigorosa para conter expansão duma tecnologia aperfeiçoada.

Veremos, porém, neste livro, referente a quadros históricos ultrapassados que a caça podia ser a *arte de grandes artistas*, tais como o Rei Dom Carlos, o Conde de Clary, o Príncipe do Mónaco, o barão Henrique de Rothschild e outros, a quem se devem proezas memoráveis, cultura especializada, comportamento regrado e cavalheiresco, perante os dons do Criador mas também perante os artificios do progresso hodierno.

Actividade provinda das idades obscuras, mais do que um jogo, para além das fronteiras do ócio e do prazer, extensão e intensidade da vida actual, a caça tornou-se uma actividade especializada e rentável onde nunca couberam todos e onde também não sobeja a autoridade de alguns que a não conhecem.

## Bibliografia genérica

- Revista A CAÇA – números publicados.
- CHARLES BENOÎST – *Grandes Chasses Grands Fusils*, Paris, 1952, *Bécasses et becassiers*, Paris, 1919
- FORTUNATO DE ALMEIDA – *História de Portugal* tomo VI, Coimbra, 1929
- L. VIEIRA DE CASTRO, *D. Carlos I*, Lisboa, 1941, 2ª edição
- ROCHA MARTINS, *D. Carlos, história do seu reinado*, Lisboa, 1926
- LUIS DE MONTALVOR, *História do Regimen Republicano em Portugal*, 1930, 2 vols.
- ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA – (especialmente o número do Regicídio que se refere à última batida em Vila Viçosa)
- FIALHO DE ALMEIDA, *Saibam quantos*, Lisboa, 1912, pag.90 e segs.
- SILVA CORDEIRO, *A crise*
- JOAQUIM LEITÃO, *D. Carlos o Desventuroso*, Porto, 1908
- RAMALHO ORTIGÃO, *Rei D. Carlos, o Martirizado*, Lisboa, 1908
- SOUSA VITERBO – *A armaria em Portugal, – História e Memórias da Academia Real das Ciências*, Lisboa, 1909, 1ª e 2ª séries.
- F.A. DE OLIVEIRA MARTINS, *Oliveira Martins e Guerra Junqueiro*, (separata) Lisboa, 1963
- GABRIEL PEREIRA, *Estudos eborenses*, Évora, 1889.
- J.B. PRIESTLEY – *The Edwardians*, London, 1970, (sobretudo, pag.63)

CONDE DE JEBES – *Veinte años de caza mayor*, Prólogo de Ortega y Gasset Madrid, 3ª edição

G.M. VILLENAVE e colaboradores, *La Chasse*, Paris, 1954

CUNISSET-CARNOT, *La chasse à tir*, Paris, 1911.

MARKSMAN – *Le chasseur infallible*, Paris

ANDRÉ DE LESSE, *Chasse, élevage et piégeage*, Paris, 1905

CHARLES LANCASTER, *The art of shooting*, Londres 1924

B.JOSÉ DE CASTRO, *O tiro ao vôo*, Rio de Janeiro.

Impressão Ofset e Acabamentos:

---

**TIPOGRAFIA ARTEGRÁFICA BRIGANTINA**

Rua Alex. Herculano - Telef. 331348  
**5300 BRAGANÇA**

